

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Departamento de Educação

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB

Um percurso em constante construção,
aberto a novas descobertas...

Andreia Marisa Miranda de Sousa

Coimbra

Maio de 2012

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Departamento de Educação

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB

Um percurso em constante construção,
aberto a novas descobertas...

Andreia Marisa Miranda de Sousa

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Vera do Vale
e do Professor Philippe Loff

Coimbra

Maio de 2012

“A educação é um processo social,
é desenvolvimento.
Não é a preparação para a vida,
é a própria vida.”
John Dewey (1933)

“A vida é uma aventura aberta, exposta.
Não protejam as crianças.
Fortifiquem-nas interiormente para
que brinquem bem com qualquer
espécie de brinquedo.”
Emmanuel Mounier (s. d.)

Agradecimentos

É com enorme satisfação que expresso aqui o meu agradecimento a todos aqueles que tornaram possível a realização deste trabalho.

Agradeço essencialmente aos meus pais por me terem permitido chegar até aqui, após alguns percalços da vida, sabendo sempre guiar-me da melhor forma possível, não esquecendo o amor e afeto que me deram, os quais serviram de âncora, incutindo-me o gosto pela descoberta.

O meu filho é outra pessoa a quem tenho de agradecer por todas as ausências e por todas as presenças em que estive ausente.

Agradeço à minha restante família e amigos por todo o apoio e por me encorajarem e incentivarem a continuar e a ter forças para terminar mais uma grande etapa da minha vida.

Não posso deixar de agradecer também aos educadores e professores que me orientaram neste percurso de crescimento e no caminho de saber mais e melhor acerca da Educação Pré-Escolar (EPE) e do Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB), dando-me a conhecer novas abordagens, com o intuito de incentivar as crianças à experimentação e à pesquisa. Também quero agradecer aos educadores e professores cooperantes que me acolheram ao nos diversos estágios realizados ao longo dos anos no Ensino Superior, por todas as aprendizagens que me proporcionaram, as quais são muito importantes para o meu futuro como educadora e professora e por dedicarem muito do seu tempo comigo, apoiando-me sempre.

Agradeço ainda às minhas colegas de curso pelas experiências partilhadas e pelo grande apoio moral no decurso desta aventura.

Por último, expresso o maior agradecimento às “*minhas*” crianças pelas aprendizagens que me permitiram diariamente e por conseguirem que fique maravilhada com as pequenas coisas da vida.

A todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, conseguiram ajudar-me na realização deste relatório, o meu muito obrigado.

Título da Tese de Mestrado: Um percurso em constante construção, aberto a novas descobertas...

Resumo: O presente relatório surge no âmbito da Unidade Curricular de Prática Educativa I e da Unidade Curricular de Prática Educativa II, estando as mesmas inseridas no Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB, ministrado na Escola Superior de Educação de Coimbra.

O mesmo vem relatar a experiência vivida nos estágios efetuados em Educação Pré-Escolar e no Ensino do 1.º CEB.

Ao longo do estágio no Pré-Escolar pude aperceber-me de que as crianças tinham predisposição para aprender e que conseguiam ligar os conteúdos mais recentes a algo que já conheciam, construindo assim a sua própria aprendizagem.

No decorrer do estágio no Ensino do 1.º CEB consegui perceber que os alunos têm facilidade em adquirir novos conceitos, quando estes são do seu agrado e/ou quando os mesmos são abordados de maneiras diferentes das habituais, utilizando, por exemplo, materiais construídos propositadamente para lecionar aquele conceito naquela turma.

Palavras-chave: Educação Pré-Escolar, Ensino do 1.º CEB, Aprendizagem, Experiências de Aprendizagem, Descobertas, Projeto.

Abstract: This report comes under the Educational Practice Course Unit I and Educational Practice Course Unit II, and the same are inserted in the Master's Degree of Preschool Education and Teaching on Primary Education, which is included at the "Escola Superior de Educação de Coimbra".

The same has to report the experience carried out in stages in Preschool Education and Teaching on Primary School.

Throughout the stage on Preschool, I could realize that children were predisposed to learn and they could connect the most recent contents to something they already knew, thus building their own learning.

During the stage in Teaching on Primary School, I could see that, for pupils, is easier to acquire new concepts when they are liking them and/or when they aren't approached in the usual ways, using, for example, purpose-built materials to teach that concept in that class.

Keywords: Preschool Education, Teaching on Primary Education, Learning, Learning Experiences, Findings, Project.

Índice Geral

Agradecimentos	I
Resumo	III
Abstract.....	IV
Lista de Abreviaturas e Siglas	VII
Índice de Quadros.....	VIII
Lista de Anexos	VIII
Introdução	1
Parte I – O Meio Envolve dos Contextos de Intervenção	7
1.1. Localização e Caraterização da Comunidade	9
1.2. Caraterização do Agrupamento de Escolas.....	9
Parte II – O Contexto de Intervenção na Educação Pré-Escolar.....	15
2.1. Caraterização do Jardim de Infância.....	21
2.2. Caraterização do Grupo da Sala3 do Jardim de Infância	24
2.2.1. Organização do Ambiente Educativo - Grupo	24
2.2.2. Organização do Ambiente Educativo - Espaço.....	25
2.2.3. Organização do Ambiente Educativo - Tempo	28
2.2.3.1. Rotina Diária	29
2.2.4. Projeto “Leitura em Vai e Vem”	32
2.2.5. Avaliação e Divulgação	33
2.3. Metodologia Adotada pela Educadora Cooperante	34
2.3.1. Sistema de Acompanhamento de Crianças	35
2.3.2. Organização do Espaço, do Tempo e dos Materiais	37
2.3.2.1. Organização do Espaço	37
2.3.2.2. Organização do Tempo	38
2.3.2.3. Organização dos Materiais.....	39
2.4. Planificação e Condução do Processo Educativo	40
2.4.1. A Minha Intervenção.....	40
Parte III – O Contexto de Intervenção no Ensino do 1.º CEB	45
3.1. Caraterização da Escola do 1.º CEB	50
3.2. Caraterização da Turma 2 do 1.º Ano da Escola do 1.º CEB.....	54
3.2.1. Organização do Ambiente Educativo - Turma.....	54
3.2.2. Organização do Ambiente Educativo - Espaço.....	56
3.2.3. Organização do Ambiente Educativo - Tempo.....	57

3.2.3.1. Rotinas Diárias.....	58
3.3. Metodologia Adotada pela Professora Cooperante	60
3.4. Planificação e Condução do Processo Educativo	62
3.4.1. A Minha Intervenção	62
Parte IV – Reflexões Pessoais	67
4.1. Reflexão Pessoal do Estágio em Educação Pré-Escolar.....	69
4.2. Reflexão Pessoal do Estágio no Ensino do 1.º CEB.....	77
Conclusão	81
Bibliografia	89
Anexos	93

Lista de Abreviaturas e Siglas

EPE – Educação Pré-Escolar

CEB – Ciclo do Ensino Básico

JI – Jardim de Infância

EE – Encarregados de Educação

CAF – Componente de Apoio à Família

AEC – Atividades de Enriquecimento Curricular

APEE – Associações de Pais e Encarregados de Educação

CT – Conselho de Turma

CE – Conselho Executivo

SASE – Serviços de Ação Social Escolar

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

DREC – Direção Regional de Educação do Centro

ATL - Atividades de Tempos Livres

POC – Plano Ocupacional de Emprego

PNL – Plano Nacional de Leitura

SAC – Sistema de Acompanhamento de Crianças

LBSE – Lei de Bases do Sistema Educativo

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

PCT – Projeto Curricular de Turma

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

PSP – Polícia de Segurança Pública

TPC – Trabalhos para Casa

SPO – Serviço de Psicologia e Orientação

Índice de Quadros

Quadro 1 – JI e Escolas pertencentes a este Agrupamento.....	10
Quadro 2 – Rotina Diária do Grupo da Sala 3	29
Quadro 3 – Processo de Avaliação seguido pelas Educadoras	36
Quadro 4 – Organização do Tempo no Grupo da Sala 3	38
Quadro 5 – Distribuição do Tempo Educativo no Grupo da Sala 3	38
Quadro 6 – Distribuição das Turmas pelas Salas de Aula	51
Quadro 7 – Distribuição Semanal dos Tempos Letivos	58
Quadro 8 – Atendimento aos Encarregados de Educação	58
Quadro 9 – Momentos de Avaliação	58

Lista de Anexos

Anexo I – Planificação da atividade “Distinção entre Frutos e Legumes” (JI)	
Anexo II – Planificação da atividade “Germinação de Sementes” (JI)	
Anexo III – Planificação da 9. ^a semana de intervenção (1.º CEB)	
Anexo IV – Planificação da 11. ^a semana de intervenção (1.º CEB)	
Anexo V – Distribuição da carga horária da turma 2	

INTRODUÇÃO

A EPE é uma etapa decisiva na vida das crianças e, sendo assim, justifica-se que o educador utilize programas de qualidade, pois estes têm efeitos permanentes na vida das mesmas. Considerando a criança como um ser ativo, ela é capaz de construir a sua aprendizagem através das atividades que planeia, executa e que reflete. No entanto, não é possível ter uma educação de qualidade se os educadores não possuírem uma formação teórico-científica sólida no âmbito do domínio da aprendizagem e do desenvolvimento.

O educador tem, portanto, a responsabilidade de proporcionar, à criança, meios de construção da aprendizagem. Contudo, não pode esquecer-se que, quando a criança chega ao JI, é fruto do meio social do qual é proveniente, transportando consigo experiência e saberes anteriores. Assim sendo, cabe ao educador fortalecer, valorizar e iniciar a sistematização desses saberes e experiências, proporcionando aprendizagens cada vez mais complexas e significativas para a criança, encorajando-a a resolver problemas e a iniciar novas experiências de aprendizagem.

O papel do educador será o de *“observar e apoiar e, posteriormente, o de analisar a observação e tomar decisões ao nível de novas propostas educacionais para a criança individual”* (Oliveira-Formosinho, 1998), valorizando a aprendizagem ativa, contextual, cultural e a construção de significados pelas crianças.

No entanto, a passagem para o 1.º CEB é também muito importante, tendo de ser previamente preparada, através de momentos de articulação entre os dois ciclos. Tanto o JI como a escola do 1.º CEB são locais de alegria para as crianças, pois, muitas das suas primeiras descobertas e aprendizagens surgem nestes locais. Por isso, a escola deve ser vista como um centro de aprendizagens para a vida ativa e para todos.

O professor não deve ser entendido como um mero transmissor de conhecimentos, pois ele, como agente educativo, não é um depósito de saberes, mas sim um projeto de vida permanente, onde a sua prática é o resultado do saber, do fazer e do ser. Os professores devem portanto fomentar hábitos de respeito, de verdade, de partilha e de justiça, enquanto desenvolvem saberes e práticas para a cidadania.

Para podermos ser futuros profissionais da educação (educadores e professores) temos de ingressar no ensino superior e ter uma formação específica.

Essa formação passa pela Licenciatura em Educação Básica¹ (criada após o processo de Bolonha) e pelo Mestrado, que tem três caminhos possíveis: Mestrado em EPE, Mestrado em EPE e Ensino do 1.º CEB e Mestrado em Ensino dos 1.º e 2.º CEB. Cada um desses mestrados tem uma duração diferente: o primeiro tem a durabilidade de um ano, o segundo de um ano e meio e o último de dois anos precisamente.

Segundo o Decreto-Lei n.º43/2007, de 22 de fevereiro, a criação de *“um corpo docente de qualidade, cada vez mais qualificado e com garantias de estabilidade, estando a qualidade do ensino e dos resultados de aprendizagem estreitamente articulada com a qualidade da qualificação dos educadores e professores”* é deveras importante, pois vai diminuir os défices de qualificação da população. O mesmo Decreto-Lei refere ainda o *“alargamento dos domínios de habilitação do docente”*, os quais passam a abranger mais níveis e ciclos de ensino, com o intuito de possibilitar a mobilidade dos docentes entre os mesmos,

¹ A licenciatura em Educação Básica confere o grau de licenciado em técnico de educação.

permitindo também o acompanhamento dos alunos pelos mesmos professores por um período de tempo maior.

O processo de Bolonha veio alterar a estrutura dos ciclos de estudos do ensino superior, obrigando a realizar um mestrado para que se adquira a qualificação de Educador e/ou Professor. Como tal, segundo o Decreto-Lei anteriormente referido, esta reestruturação visa a *“elevação do nível de qualificação do corpo docente com vista a reforçar a qualidade da sua preparação e a valorização do respetivo estatuto sócio-profissional”*.

O presente Relatório Final de Estágio inicia-se com uma introdução, organizando-se, de seguida, em quatro grandes partes. A primeira refere-se ao meio envolvente dos contextos de intervenção, que por sinal é o mesmo, tanto no estágio em EPE, como no estágio no Ensino do 1.º CEB, onde se localiza e caracteriza o Agrupamento de Escolas, bem como a comunidade que o rodeia. Na segunda parte é contextualizado o estágio em EPE, sendo caracterizado o JI e o grupo onde o estágio se desenvolveu. De seguida, descreve-se a metodologia adotada pela Educadora Cooperante, referindo também a organização da sala, tendo em consideração esta metodologia e, posteriormente, uma pequena introspeção acerca da planificação e da condução que foi feita do processo educativo, fundamentando as minhas práticas e fazendo referência à minha própria intervenção. Na terceira parte contextualiza-se o estágio no Ensino do 1.º CEB, caracterizando a escola do 1.º CEB e a turma onde se desenvolveu o estágio, descrevendo a metodologia adotada pela Professora Cooperante. Seguidamente, é feita, de novo, uma introspeção referente à planificação e à condução do processo educativo, fundamentando as minhas práticas e a minha própria intervenção. Quanto à quarta parte, esta integra as reflexões pessoais de cada estágio efetuado,

com o intuito de perceber o que foi aprendido e apreendido e como decorreram os mesmos.

Por fim, existe a conclusão, a bibliografia e os anexos necessários à elaboração deste relatório.

PARTE I – O Meio Envolve dos Contextos de Intervenção²

² As informações contidas neste capítulo foram obtidas através dos documentos facultados pela educadora, pela professora e pelas instituições de ensino, sendo eles os seguintes: Regulamento Interno, Avaliação Externa das Escolas, Projeto Educativo de Agrupamento, Projeto Curricular de Agrupamento, Plano Anual de Atividades, Projeto Curricular de Grupo e Projeto Curricular de Turma.

1.1. Localização e Caracterização da Comunidade

O Agrupamento de Escolas, onde decorreu o estágio, é parte integrante do distrito de Coimbra e do concelho de Montemor-o-Velho, situando-se entre Coimbra e Figueira da Foz. A sua área de influência abrange quatro freguesias do concelho de Montemor-o-Velho.

Este concelho e as freguesias da área de abrangência deste Agrupamento de Escolas apresentam ainda alguns traços de ruralidade, sendo uma terra de agricultores, no entanto, hoje em dia, são os setores secundário e terciário que se evidenciam mais. Ainda assim, a agricultura continua a desempenhar um papel de relevo na economia da região, sendo agora, não a atividade principal, mas uma atividade complementar de outras.

No que concerne ao meio sócio-familiar das crianças que frequentam as instituições de ensino deste Agrupamento, posso referir que a maioria dos pais concluiu até ao 3.º CEB, sendo o 2.º CEB, o que mais encarregados de educação (EE) concluíram. Verifica-se também que são poucos os EE que conseguiram concluir o Ensino Superior. No que respeita às profissões, as que mais se destacam são as de Empregados do Comércio e dos Serviços/Camionistas e de Trabalhadores Fabris e da Construção Civil, seguidas da profissão de Professores, havendo uma baixa taxa de desempregados. Relativamente à faixa etária, os EE encontram-se entre os 30 e os 44 anos de idade.

1.2. Caracterização do Agrupamento de Escolas

O Agrupamento de Escolas foi instituído no ano letivo de 2003/2004 e tem a sua sede numa escola E.B. 2,3.

Este Agrupamento é constituído pelos seguintes JI e escolas (Quadro 1):

Quadro 1. JI e Escolas pertencentes a este Agrupamento

	Nome	Freguesia	Número de Salas	Outros Espaços
JI	JI A	C.	2	Sala de CAF/Refeitório
	JI B	M. do C.	3	
Escolas do 1.º CEB	EB1 C	C.	5	Biblioteca
	EB1 D	M. do C.	2	
	EB1 E	M. do C.	3	
	EB1 F	T.	2	Refeitório
	EB1 G	T.	1	Refeitório
	EB1 H	T.	2	Refeitório
	EB1 I	M.-o-V.	2	
Escola do 2.º CEB (Sede)	EB 2,3 J	C.	18 Salas de aula (total)	Biblioteca Sala de Informática Sala de Matemática Auditório Refeitório Papellaria ATL Bufete Campo de Jogos

Os dois JI albergam noventa e nove crianças, cinco docentes e três elementos do pessoal não docente. As sete escolas do 1.º CEB albergam duzentos e oitenta e um discentes, vinte docentes e quatro elementos do pessoal não docente. E a escola EB 2,3 J alberga duzentos e noventa discentes, cinquenta e cinco docentes e vinte elementos do pessoal não docente, tendo em consideração os dados do ano letivo de 2008/2009.

Os JI integrados neste Agrupamento possuem material didático-pedagógico adequado à faixa etária das crianças que os frequentam, no entanto, ainda não possuem equipamento informático adequado às necessidades das mesmas, nem ligação à internet. Ambos oferecem também prolongamento de horário sendo coordenado pela Componente

de Apoio à Família (CAF), bem como o serviço de refeições. O JI A funciona numas instalações em bom estado de conservação, ao contrário do que acontece com o JI B. Este último, por não possuir instalações suficientes para o número de crianças inscritas, tem uma terceira sala, a qual funciona, provisoriamente, no Centro Social e Paroquial da localidade. Ambos os JI funcionam em regime normal, tendo uma hora para almoço. O primeiro inicia o seu dia às 9 horas, terminando assim às 15 horas, enquanto o último inicia e termina meia hora mais tarde.

As escolas do 1.º CEB deste Agrupamento foram alvo de remodelações recentemente e, portanto, encontram-se em bom estado de conservação, estando dotadas de material didático-pedagógico adequado à faixa etária dos alunos inscritos. Estas possuem também equipamento informático adequado às necessidades e ligação à internet, e todas elas oferecem serviço de refeições e um leque diversificado de Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC), as quais permitem, essencialmente, a ocupação “*saudável*” dos tempos livres. Na escola EB1 C funciona também uma Biblioteca Escolar, a qual se integra na Rede de Bibliotecas Escolares. Não existindo instalações suficientes nesta escola para o número de alunos inscritos, uma turma teve de se deslocar para a Escola Sede, tendo assim aulas numa sala desse estabelecimento. Todas as escolas do 1.º CEB funcionam em regime normal, iniciando as aulas às 9 horas e terminando às 15 horas e 30 minutos, sendo a hora de almoço das 12 horas às 13 horas e 30 minutos. Das 15 horas e 30 minutos às 17 horas e 30 minutos funcionam as AEC. Estas atividades são asseguradas pela escola e inexistindo espaços próprios, as mesmas são realizadas nas salas de aula. Com estas pretende-se complementar o currículo de cada aluno, desenvolvendo capacidades e competências geradoras de saberes diversos e enriquecedores de cada indivíduo.

A escola EB 2,3 J (escola sede) foi alvo de obras de manutenção em alguns dos seus espaços, encontrando-se assim num estado razoável de conservação e possuindo material didático-pedagógico necessário ao bom funcionamento das atividades. Esta escola utiliza o espaço do Pavilhão Gimnodesportivo do Clube Desportivo da localidade para a prática desportiva, por terem um protocolo assinado entre a escola e essa coletividade. Esta escola funciona em regime diurno apenas, iniciando o dia às 8 horas e 30 minutos e terminando às 17 horas e 30 minutos, em todos os dias, excetuando às quartas que terminam as atividades às 16 horas e 30 minutos, e às sextas, as quais terminam às 13 horas e 30 minutos. Nestes dias de exceção, após as atividades da componente letiva, funcionam as AEC e as reuniões das diferentes Estruturas Pedagógicas e Administrativas.

Relativamente aos pais e EE, estes poderão ser recebidos mensalmente pelo professor titular de turma do seu educando (1.º CEB) ou quinzenalmente pelo diretor de turma (2.º e 3.º CEB), no dia e hora para isso fixados e divulgados, a fim de prestarem e receberem informações relevantes para a vida escolar.

Caso não seja possível deslocar-se à escola no dia e hora fixados, o EE pode solicitar, em tempo útil e através da caderneta do aluno, que o atendimento tenha lugar, excecionalmente, noutro dia e hora, de acordo com a disponibilidade do professor titular de turma.

Os mesmos encontram-se organizados em Associações de Pais e Encarregados de Educação (APEE). Esta faz-se representar, no Conselho Pedagógico, através de dois dos seus elementos e, no Conselho Geral Transitório, através de seis dos seus elementos. No início de cada ano letivo elegem-se dois representantes dos EE, por cada Conselho de Turma (CT). Esta Associação visa a defesa e a promoção dos interesses

dos seus associados em tudo quanto respeita à educação e ensino dos seus filhos e educandos.

Com o objetivo de reforçar a participação dos pais e EE no processo de ensino-aprendizagem, a escola promove atividades de coordenação pedagógica, as quais reúnem, quinzenalmente, todos os docentes do CT, os representantes dos EE e dos alunos, para que se proceda ao acompanhamento do desempenho escolar dos alunos da turma.

Considerando fundamental a concretização de um processo de autoavaliação objetivo e rigoroso sobre a qualidade do desempenho das escolas do Agrupamento, o Conselho Executivo (CE) entendeu ser essencial constituir-se uma Equipa de Avaliação Interna do Agrupamento.

Surge ainda outra figura importante no Agrupamento, sendo a do Docente Interlocutor em Matéria de Abandono e Absentismo Escolares, o qual tem a função de coordenar as sinalizações dos alunos em abandono escolar efetivo e de prevenir o aparecimento de casos de absentismo escolar e outras situações de risco associadas.

O Agrupamento possui Serviços Especializados de Apoio Educativo, tais como os Serviços de Psicologia e Orientação e os Serviços de Ação Social Escolar (SASE), com o intuito de promover a existência de condições que assegurem a plena integração escolar dos alunos, conjugando as suas atividades com as Estruturas de Orientação Educativa.

Este dispõe ainda de um grupo de Educação Especial, o qual colabora na promoção de respostas pedagógicas diversificadas que se ajustem às necessidades educativas de cada criança e aluno com NEE, assegurando a sua plena integração escolar. A sua prioridade é incentivar

a melhoria do ambiente educativo, através da articulação de serviços existentes no Agrupamento e na Comunidade (serviços de saúde, segurança social, autarquia...) e conjugando a sua atividade com as Estruturas de Orientação Educativa.

A escola não vive isolada do meio em que se insere, tem toda a vantagem em estabelecer laços e parcerias. Como tal, a escola mantém parceria com diversas instituições e estabelecimentos do meio envolvente, continuando assim a promover contactos e a procurar colaboração e apoios junto de organismos com afinidade.

PARTE II – O Contexto de Intervenção na Educação Pré-Escolar³

³ As informações contidas neste capítulo foram obtidas através dos documentos facultados pela educadora, pela professora e pelas instituições de ensino, sendo eles os seguintes: Projeto Educativo de Agrupamento, Projeto Curricular de Agrupamento, Projeto Curricular de Grupo.

No século XIX, surge, em Portugal, a EPE⁴ (na altura denominada de Educação Infantil), *“associada à afirmação da classe média que se torna mais influente e mais educada, sendo portadora de novos valores relativos à educação da criança e do cidadão”* (Vasconcelos, 2000). Nessa altura, o país conhecia um progressivo processo de industrialização, ainda que lento. No entanto, esta situação evidencia-se, no século XX, com o crescimento das zonas urbanas e suburbanas do país e com a participação ativa da mulher no trabalho, o que contribuiu para a EPE obter uma maior procura e reconhecimento. Após a implantação da República (1910), a educação começou a adquirir um estatuto específico no sistema de ensino oficial.

É em 1911 que é oficialmente criado o ensino infantil, cumprindo assim o Programa do Partido Republicano Português, o qual se destinava a crianças entre os quatro e os sete anos de idade e de ambos os sexos. Os governos da 1.ª República (entre 1910 e 1926) ganharam mérito ao reconhecerem a função educativa do ensino infantil, institucionalizando assim a sua integração no sistema oficial de educação.

No final dos anos sessenta são criadas creches e JI, no âmbito do Ministério da Saúde e Assistência, sendo que estes serviços de apoio se destinavam apenas e só à primeira e à segunda infância. É também nesta década que se criam os serviços de creche familiar e ama, como resposta alternativa às creches tradicionais.

A EPE é novamente reconhecida, em 1973, como parte integrante do sistema educativo e cinco anos mais tarde os primeiros JI oficiais do

⁴ Em Portugal, a EPE é a primeira etapa da educação básica e desenvolve-se em complemento com a família. A mesma abrange crianças com idades compreendidas entre os três e os seis anos de idade e precede ao ensino formal (1.º CEB). O espaço confinado a este ensino denomina-se JI e os profissionais responsáveis pelas crianças nesta fase escolar são os Educadores de Infância.

Ministério da Educação iniciam as suas funções, depois de ter sido criado o sistema público de EPE.

É importante referir que a Revolução dos Cravos (25 de abril de 1974) conduziu a um aumento significativo do número de instituições como do número de escolas de formação de educadores de infância, devido às mulheres tomarem consciência do seu papel na sociedade e das necessidades reais da EPE. Como refere Vasconcelos (2000), a integração da EPE no sistema educativo foi confirmada através da Reforma Educativa de 1986.

Em 1995, o Ministério da Educação elaborou um Plano de Expansão da Rede de Estabelecimentos de EPE, com o intuito de se certificar que a maioria das crianças tinha acesso a instituições que garantiam as funções de educação e guarda (Vasconcelos, 2000). E assim, a EPE foi-se desenvolvendo e crescendo como parte integrante do sistema educativo.

De acordo com o Despacho n.º 5220/97, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) foram aprovadas no ano de 1997, nesse mesmo despacho. Estas estabelecem *“um conjunto de princípios gerais de apoio ao educador na tomada de decisões sobre a sua prática, isto é, na condução do processo educativo a desenvolver com as crianças”* (Circular n.º 17/2007).

Segundo a Convenção sobre os Direitos das Crianças (Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF, 1990), a criança é todo o ser humano com idade inferior a dezoito anos. A mesma tem os seus direitos descritos na forma de artigos, no documento acima referido.

Relativamente à educação, o mesmo documento refere que *“os Estados Partes reconhecem o direito da criança à educação e tendo, nomeadamente, em vista assegurar progressivamente o exercício desse*

direito na base da igualdade de oportunidades”, bem como “tomam as medidas adequadas para velar por que a disciplina escolar seja assegurada de forma compatível com a dignidade humana da criança”.

O artigo 30.º da Lei de Bases do Sistema Educativo refere que as atividades pedagógicas na EPE são asseguradas por educadores de infância. O perfil geral de desempenho profissional do educador de infância e do professor dos ensinos básico e secundário ficou definido no Decreto-Lei n.º 240/2001. Neste documento é referido que o educador *“avalia, numa perspetiva formativa, a sua intervenção, o ambiente e os processos educativos adotados, bem como o desenvolvimento e as aprendizagens de cada criança e do grupo”*. Como tal, posso afirmar que este documento visa orientar a organização da formação do educador de infância.

Na EPE, o educador concebe e desenvolve o respetivo currículo, *“através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das atividades e projetos curriculares”* (Circular n.º 4/2011), de modo a proporcionar, às crianças, experiências educativas integradas, num ambiente de segurança. Contudo, o mesmo deve obedecer às orientações curriculares e pedagógicas emanadas pelo Ministério da Educação (OCEPE). A organização do ambiente educativo pressupõe a organização do grupo, do espaço e do tempo; e a relação com os pais e EE, bem como com outros parceiros educativos.

Assim, o educador de infância é o profissional responsável pela organização de atividades educativas, tanto a nível individual como de grupo, com o objetivo de promover e incentivar o desenvolvimento, não só físico e psíquico, como também emocional e social das crianças, com idades compreendidas entre zero e a entrada na escola do 1.º CEB.

Entre muitas outras coisas, compete ao educador, ajudar as crianças a adquirirem competências para a vida diária e criar-lhes hábitos de higiene fundamentais para uma vida saudável.

Tendo em conta tudo o que foi relatado, posso agora referir que o meu estágio em EPE se organizou em três fases e que estagiei sozinha, enquanto as restantes colegas de turma estavam organizadas em grupos de estágio.

A primeira fase do estágio caracterizou-se pela Observação do Contexto Educativo. Nesta fase, o objetivo principal era, sem dúvida, a observação, sendo que tinha de observar a organização do ambiente educativo e da prática da educadora. Relativamente à observação do ambiente educativo, tinha que observar atentamente as crianças individualmente, o grupo no geral, o espaço, o tempo, o meio institucional, bem como a relação com os pais e parceiros educativos. Esta fase também se caracterizou pela recolha de dados, para poder, posteriormente, proceder ao tratamento e à sistematização dos mesmos.

A segunda fase caracterizou-se pela Entrada Progressiva na Atuação Prática. Assim sendo, nesta fase, o objetivo principal era o início de atividades, ou seja, começar a colaborar com a Educadora, propondo e promovendo algumas atividades com as crianças. Relativamente à prática, tinha que desempenhar tarefas pontuais, selecionadas em colaboração com a Educadora Cooperante e dinamizar atividades pedagógicas pontualmente.

A terceira e última fase do Estágio caracterizou-se pelo Desenvolvimento das Práticas Pedagógicas. Nesta fase, o objetivo principal era a prática em si, sendo que tinha de planificar atividades, por

unidades curriculares, de acordo com o plano de trabalho da Educadora Cooperante. Tinha, portanto, de atuar, avaliar, sempre de modo reflexivo, e renovar a atuação, de acordo com os dados da avaliação da atuação anterior.

2.1. Caraterização do Jardim de Infância

O JI pertence ao Agrupamento de Escolas descrito anteriormente e situa-se numa localidade, cuja freguesia pertence ao concelho de Montemor-o-Velho.

Esta freguesia situa-se a cerca de oito quilómetros da Sede do concelho. Segundo António dos Santos Conceição, *“há um pedaço de paraíso, perdido num recanto da Natureza, onde tranquilamente repousa e onde, longe do ruído do Mundo, 1600 homens e mulheres continuam apegados à terra, numa labuta de oitocentos anos e que jamais terminará...”*, referindo-se à localidade onde se situa o JI.

O JI é público e funciona num edifício próprio, o qual foi construído para o efeito. O mesmo é constituído pelas seguintes divisões: duas salas de atividades, um escritório, uma casa de banho para as crianças, uma casa de banho para os adultos, uma copa, um jardim e horta, uma caixa de areia e telheiro.

As duas salas de atividades têm boas dimensões, são luminosas, contudo, com o material bastante antigo e usado. As mesmas estão razoavelmente bem equipadas, no entanto, faltam materiais fundamentais como computadores, acesso à internet e algum material de apoio à expressão musical e dramática.

Esta instituição tem também poucos locais de arrumação que respondam às necessidades atuais. A casa de banho das crianças está dividida, ou seja, um lado é para as raparigas e o outro é para os rapazes.

Em cada lado existem lavatórios e sanitas adequadas à faixa etária em questão.

O escritório, apesar de possuir material adequado, o mesmo já se encontra muito usado. O espaço exterior não possui equipamentos para a motricidade e a caixa de areia é exageradamente grande. O espaço exterior tem uma pequena parte, a qual está coberta por um telheiro.

A Sala 3 funciona nas instalações do Centro Social e Paroquial da localidade, espaço que foi cedido pelo mesmo, com a autorização da Direção Regional de Educação do Centro (DREC). Este Centro possui a valência de Creche, Atividades de Tempos Livres (ATL), Centro de Dia e Lar de Idosos, sendo ainda responsável pela CAF, referente ao JI.

Esta sala foi concebida para um grupo de crianças da valência de Creche, com o intuito de comportar um número aproximado de doze crianças, com idades até aos três anos. Como tal, estas características têm vindo a condicionar a adequação e o desenvolvimento das atividades inerentes a um grupo heterogéneo da valência de Pré-Escolar, com um número superior à sua capacidade. Assim sendo, esta sala não reúne as mesmas condições estruturais que as outras duas que funcionam no edifício próprio do JI.

A casa de banho utilizada pelas crianças que frequentam esta sala é utilizada também pelas crianças do ATL (crianças do 1.º CEB). Esta é bem equipada e adequada ao grupo de crianças. A casa de banho dos adultos também está bem equipada e em muito boas condições.

Ao nível do espaço exterior, apesar de ter um espaço amplo de utilização, devidamente vedado, o tanque de areia está, neste momento, impróprio para a utilização. Este espaço também não possui escapatórias de sombra para a utilização do mesmo em tempo de muito sol.

No ano letivo de 2010/2011, são sessenta as crianças que estão a frequentar o JI, estando elas distribuídas pelas três salas da seguinte forma: sala 1 com vinte crianças, sala 2 com vinte e duas e sala 3 com dezoito.

Este número de crianças deve-se ao facto de existir, no Centro Social e Paroquial, uma Creche e uma Rede de Transportes que facilita, aos pais e EE, a deslocação entre casa e o JI e vice-versa.

O pessoal docente do JI é caracterizado por três educadoras, todas com a Licenciatura em Educação de Infância, e por uma coordenadora do corpo docente do Agrupamento, a qual é doutorada em Ciências da Educação. O pessoal não docente caracteriza-se pela existência de três auxiliares de ação educativa, duas delas com um Plano Ocupacional de Emprego (POC) e uma a contrato.

É importante salientar que as três auxiliares de ação educativa não estão “fixas” numa sala, recorrendo a um sistema de rotatividade. Esta opção foi tomada em conjunto com as educadoras e as entidades respetivas, pois tornava-se essencial que todas as auxiliares conhecessem a metodologia de trabalho de cada educadora, onde se situavam os materiais de cada sala, bem como as crianças das três salas. Isto, porque, caso alguma falte, possui assim os conhecimentos necessários para que a sua atuação esteja dentro das expectativas da educadora e do grupo, pois a mesma conhece tudo o que precisa para atuar da melhor forma.

O trabalho de equipa entre as educadoras das três salas é diário, havendo estreita colaboração e articulação, não só ao nível de projetos, como também ao nível de atividades conjuntas, favorecendo-se assim o estreitamento de relações entre todos, nomeadamente com as crianças.

Este JI tem a particularidade de fazer uma articulação com as escolas do 1.º CEB da zona. Essa articulação é proporcionada da seguinte

forma: as crianças de cinco e seis anos vão passar uma manhã à escola do 1.º CEB e, por sua vez, algumas das crianças do 1.º ano do 1.º CEB vão passar essa manhã ao JI. No JI são realizadas atividades mais de motricidade global e brincadeiras, para ser diferente do que já fazem na escola. Esta articulação é feita também noutros momentos, de outras formas, como em festividades, por exemplo.

2.2. Caracterização do Grupo da Sala 3 do Jardim de Infância

Considerando que a organização do ambiente educativo constitui o suporte da atividade pedagógica, este tem de ser facilitador da aprendizagem da criança, encarando-a como um sujeito ativo no seu desenvolvimento, perspetivando-a como um ser individual que se forma num espaço coletivo. Concordo com Silva (1997) quando este refere que *“o desenvolvimento humano constitui um processo dinâmico de relação com o meio, em que o indivíduo é influenciado, mas também influencia o meio em que vive”*.

2.2.1. Organização do Ambiente Educativo – Grupo

O grupo existente na Sala 3 é heterogéneo, maioritariamente do género masculino, sendo, portanto, constituído por doze rapazes e seis raparigas.

Relativamente às idades, existem cinco crianças que já fizeram os seis anos (uma delas a frequentar pela primeira vez o JI), quatro têm cinco anos, sete já fizeram os quatro anos e dois têm apenas três anos.

O fato de as regras da sala terem sido elaboradas em conjunto com o grupo de crianças facilitou *“a organização e a tomada de consciência de pertença a um grupo e, ainda, a atenção e o respeito pelo outro”* (Silva, 1997). Estas regras, para serem compreendidas pela criança,

tiveram de ser negociadas para que ela pudesse perceber a necessidade da sua implementação. Assim sendo, foram cumpridas de uma forma mais eficiente, por todo o grupo se ter envolvido na sua construção.

Outra referência que é necessária ser feita é a da participação das crianças no planeamento e na avaliação das atividades e dos projetos. As OCEPE referem que *“prever o que vai fazer, tomar consciência do que foi realizado são condições da organização democrática do grupo, como também o suporte da aprendizagem nas diferentes áreas de conteúdo”* (Silva, 1997). A implementação da rotina de planeamento em grande grupo, pequeno grupo ou individualmente permite identificar os interesses e ajustar a intencionalidade educativa do adulto às suas escolhas, possibilitando assim, à criança, oportunidades de reflexão sobre as suas ações e a tomada de consciência de que é capaz de pensar sobre as coisas. Como pensam Hohmann e Weikart (2009), *“planejar é um processo intelectual no qual os objetivos internos dão forma a ações antecipadas”*.

Como forma de avaliação das atividades e dos projetos desenvolvidos, as crianças pensavam, refletiam e mostravam aquilo que fizeram e como fizeram, começando *“a perceber que podem fazer as coisas acontecerem, aprender coisas novas e a resolver os seus próprios problemas”* (Hohmann e Weikart, 2009).

2.2.2. Organização do Ambiente Educativo – Espaço

A sala de atividades está organizada tendo em conta a criação de oportunidades de manipulação, experimentação, recriação e descoberta realizadas, tanto individualmente, como em pequeno ou grande grupo.

As OCEPE salientam que *“os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamento, os materiais existentes e*

a forma como estão dispostos condicionam, em grande medida, o que as crianças podem fazer e aprender. A organização e a utilização do espaço são expressão das intenções educativas e da dinâmica do grupo, sendo indispensável que o educador se interroge sobre a função e finalidades educativas dos materiais de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização” (Silva, 1997).

Assim sendo, a organização deste espaço foi pensada com o objetivo de desenvolver a autonomia e a ação, pelo que os materiais foram explorados e catalogados de forma a facilitar a sua utilização, sem ter que solicitar o adulto. Isto, porque a “*etiquetagem*” clara dos materiais possibilita “*a independência em relação ao adulto*” e “*é sobretudo para a criança (...), um caminho de autonomia*” (Oliveira-Formosinho, 2007).

A sala de atividades tem a dimensão de aproximadamente 40m², estando a mesma organizada por áreas. Contudo, a sua organização é flexível, tendo em conta os interesses e a evolução do grupo de crianças.

As áreas em que está organizada a sala são as seguintes:

- Área da Receção/Conversa/Jogos (Construções);
- Área da Casinha;
- Área da Garagem;
- Área dos Jogos de Mesa;
- Área da Leitura – Biblioteca;
- Área de Expressão Plástica, com a oferta de materiais diferentes (recorte, colagem, grafismo/escrita);
- Área da Pintura;
- Área das Ferramentas;
- Área do Computador.

Estas áreas interligam-se diversas vezes, de acordo com as necessidades e os interesses das crianças, e também tendo em consideração a funcionalidade que lhe atribuem nas suas brincadeiras. Sendo assim, existirão momentos em que uma determinada divisão terá a necessidade de ser alterada, consoante as atividades orientadas, pois uma das responsabilidades do educador *“é criar e manter um ambiente físico que encoraje as brincadeiras ativas”* (Brickman e Taylor, 1991).

Em cada área existe material caraterístico do tipo de experiências de aprendizagem que nelas se podem realizar, organizado de forma a permitir à criança uma visão daquilo que cada espaço lhe pode oferecer.

O espaço está organizado em zonas distintas, com o intuito de possibilitar diferentes aprendizagens curriculares, tendo sempre em atenção as necessidades e os interesses do grupo. *“A organização do espaço em áreas e a colocação dos materiais nas áreas onde são utilizados são a primeira forma de intervenção [do educador]”* (Oliveira-Formosinho, 2007). Este tipo de organização do espaço é também indispensável para a dinâmica do grupo, permitindo uma maior autonomia e responsabilidade e possibilitando *“o maior número possível de oportunidades de aprendizagem pela ação”*, bem como exercer *“o máximo controlo sobre o seu ambiente”* (Hohmann e Weikart, 2009).

As regras de funcionamento desta sala, bem como as sanções a aplicar no caso de haver infrações das mesmas, foram decididas e acordadas por todas as crianças, em conjunto com a educadora. No entanto, há sempre uma ou outra que necessita de ser reformulada e reajustada de acordo com novas propostas.

O espaço exterior é delimitado por um gradeamento e portões de ferro e o pavimento é maioritariamente em cimento, havendo, contudo,

uma área de baloiços, a qual possui um pavimento de borracha e um banco de areia num espaço contíguo.

Este espaço é partilhado com as crianças da valência de Creche do Centro Social e Paroquial, e como tal, é necessário obedecer a um horário de utilização no período da manhã, sendo que as crianças do JI só o poderão frequentar a partir das 11 horas.

Sempre que o tempo o permite, são desenvolvidas, diariamente, neste espaço, atividades lúdicas e/ou jogos de movimento (motricidade global).

Existe ainda uma sala contígua à do JI, na qual funciona o momento das ATL e que poderá ser utilizada para jogos de grande movimento, caso as condições atmosféricas não permitam que estes se desenvolvam no espaço exterior.

2.2.3. Organização do Ambiente Educativo – Tempo

A Componente Letiva desenvolve-se das 9 horas e 30 minutos até às 12 horas e 30 minutos, no período da manhã e, no período da tarde, das 13 horas e 30 minutos até às 15 horas e 30 minutos. Sendo que o almoço se proporciona das 12 horas e 30 minutos até às 13 horas e 30 minutos.

A CAF proporciona-se das 7 horas e 30 minutos até às 9 horas e 30 minutos, no período da manhã, e das 15 horas e 30 minutos até às 18 horas e 30 minutos, no período da tarde. Também se proporciona na hora de almoço, das 12 horas e 30 minutos até às 13 horas e 30 minutos.

O horário de atendimento aos pais e EE propicia-se em todas as primeiras segundas-feiras de cada mês, das 15 horas e 30 minutos até às 16 horas e 30 minutos.

2.2.3.1. Rotina Diária

A distribuição do tempo educativo faz-se de um modo flexível, contudo podemos verificar um dia-tipo com um conjunto de atividades/tarefas correspondentes à rotina diária, seguidamente apresentadas através de um quadro (**Quadro 2**):

Quadro 2. Rotina Diária do Grupo da Sala 3

HORAS	ATIVIDADES
9h30 min – 11h00 min	- Reunião no tapete (marcação da presença, planificação do dia, conversa com o grupo de crianças); - Desenvolvimento de atividades propostas pela Educadora ou distribuição do grupo pelas diversas áreas de atividades.
11h00 min – 11h30 min	- Lanche da manhã; - Recreio/Sala de Atividades.
11h30 min – 12h30 min	- Permanência do grupo no recreio ou desenvolvimento de atividades dentro da sala de atividades.
12h30 min – 13h30 min	- Almoço.
13h30 min – 15h30 min	- Desenvolvimento de atividades propostas pela educadora ou distribuição do grupo pelas áreas de atividades; - Arrumação; - Avaliação.

As crianças vão chegando com os próprios pais e depois chegam as crianças que vêm na carrinha pertencente ao Centro Social e Paroquial da localidade. Depois de todas as crianças chegarem à sala de atividades, a educadora reúne-se no tapete com elas para conversarem um pouco

acerca das novidades ou dos projetos que estão a ser concebidos e dos que se vão desenvolver, entre outros assuntos. Durante este curto espaço de tempo, a educadora, por vezes, canta uma ou outra música, com o intuito de se acalmarem.

À medida que as crianças vão chegando à sala, vão marcando a sua presença. Os mais velhos (quatro e cinco anos) já o fazem sozinhos, no entanto, os mais novos fazem-no com o auxílio do chefe de fila ou do adulto presente (educadora ou auxiliar). Após marcarem as presenças, as crianças mais velhas, vão fazer a sua planificação do dia, individualmente, enquanto os mais novos se dirigem para as áreas de atividades que mais lhe interessam naquele momento.

A sala possui um quadro mensal de presenças. Neste quadro estão presentes os dias mais importantes do mês, os nomes das crianças, os dias do mês e por fim, um espaço para colocar o número total de presenças e de ausências do dia. Neste quadro, todas as manhãs, as crianças marcam a sua presença através de uma cruz, com a utilização de um marcador de cor azul. O chefe de fila marca as faltas com um marcador de cor vermelha. No final do dia ou da semana procede-se à contagem das crianças presentes em cada dia e das crianças que faltaram, sendo esta feita em conjunto com o grupo de crianças.

No final do mês, as crianças mais velhas do grupo fazem um novo quadro mensal, marcando primeiro os fins de semana para saberem que nesses dias não há JI e escrevendo o nome delas e das crianças mais novas que não sabem escrever o seu nome, tendo a possibilidade de ilustrar dias importantes do mês (visitas de estudo, feriados, aniversários).

A planificação do dia é feita de forma individual, quando chegam à sala, e escolhem o que querem fazer naquele dia, e em grande grupo,

juntamente com a educadora, quando se trata de conceber projetos em grupo.

A planificação individual do dia consiste na escolha das várias áreas de atividades. Esta planificação é feita apenas pelas crianças de 4 e 5 anos, as quais têm uma folha com uma tabela, onde constam os dias da semana, os três momentos do dia em que podem frequentar as áreas desejadas e um espaço onde colocam um “*smile*” consoante o sentimento que tiveram ao desenvolver as atividades ou as áreas onde estiveram (se gostaram, se não gostaram, se gostaram mais ou menos).

As crianças já sabem como devem proceder ao chegar à sala de atividades, ou seja, após marcarem a sua presença, devem ir logo planificar o seu dia. Começam por pensar quais as atividades que pretendem desenvolver ou quais as áreas que pretendem frequentar durante o dia e completam a tabela com a colagem de pequenos papéis com as áreas de atividades disponíveis. As áreas e atividades disponíveis são as seguintes: Pintar; Recortar; Biblioteca; Desenhar; Plasticina; Jogos de Mesa; Computador; Jogos de Chão; Garagem; Casinha das Bonecas; Área da Escrita; Letras; Projetos; Matemática; Ciências; Construções.

No final da escolha das áreas de atividade, a criança deverá avaliar as áreas de atividades do dia anterior, desenhando um “*smile*”: de cor verde à frente da área que gostou de frequentar; de cor amarela, caso tenha gostado mais ou menos; de cor vermelha, caso a tarefa não lhe tenha corrido de feição.

A planificação em grupo é realizada no início do dia, quando as crianças se reúnem com a educadora no tapete. Em grupo decidem o que necessitam de fazer durante o dia, percebendo quais as atividades que precisam de continuar a ser desenvolvidas ou terminadas.

As crianças dispõem de tempo livre para escolher uma área de atividade, quer na parte da manhã como na parte da tarde. Em momentos específicos, em que a educadora está a desenvolver projetos com algumas crianças, as restantes podem distribuir-se pelas áreas pretendidas.

O lanche da manhã é realizado na sala de grupo. Isto deve-se principalmente ao fato de não haver refeitório no JI, sendo que este existe no Centro Social e Paroquial, o qual assegura a CAF.

No lanche, as crianças têm direito a um pacote de leite, simples ou de chocolate, e bolachas Maria ou salgadas, ou outras existentes, havendo uma ou outra criança que traz o lanche de casa.

As crianças passam o seu tempo, sempre que possível, no exterior (recreio), para que possam libertar as suas energias.

Para além dos baloiços, do escorrega e do cavalinho, equipamentos presentes no espaço exterior do edifício onde funciona a sala 3, as crianças têm também um conjunto de materiais e equipamentos ao seu dispor, que podem usar livremente no exterior, como por exemplo: bolas de futebol, trotinetas, bicicleta, trator, andas, entre outros.

Por vezes, as crianças usufruem muito mais para além do recreio, têm a possibilidade de visitar o exterior, fazendo grandes passeios pelos campos à volta.

2.2.4. Projeto “*Leitura em Vai e Vem*”

As crianças levam o “*Vai e Vem*” para casa todas as semanas. Esta proposta para a EPE foi lançada pelo Plano Nacional de Leitura (PNL), no ano letivo de 2007-2008, no âmbito do Projeto de Promoção de Leitura em Família, tendo como objetivo central, promover a leitura em família nos primeiros anos da criança. Sendo assim, todas as crianças têm a oportunidade de levar com elas um livro à sua escolha, um saco de

transporte e uma ficha de leitura para fazer o registo da história através de um desenho, todas as quartas-feiras. Nas segundas-feiras seguintes, a educadora recolhe as fichas, fazendo um acompanhamento das crianças, analisando se a proposta está a ser aceite ou não pela família.

2.2.5. Avaliação e Divulgação

Conforme o que foi definido na primeira reunião de Conselho de Docentes, foram adotados instrumentos de observação/avaliação das crianças e definidos os critérios de avaliação, sendo eles os seguintes:

- A avaliação processa-se através do recurso à observação de atividades, apoiada em instrumentos inscritos na adaptação do Sistema de Acompanhamento de Crianças (SAC) e pela significação construída a partir da amostragem de evidências;
- A avaliação processual e de competências, para uso interno e fins estatísticos, é expressa qualitativamente através da designação de 3 níveis, sendo eles: B (baixo), M (médio) e A (alto). Porém, para comunicação às famílias e intervenientes externos no processo educativo, essas designações só poderão ser usadas quando acompanhadas de uma descrição compreensiva;
- O julgamento na avaliação processual e na avaliação de “*skills*” e competências com as designações de B (baixo), M (médio) e A (alto) está sujeito ao conhecimento do profissional dos conceitos inerentes à avaliação processual e ao desenvolvimento da criança, à comparação entre pares considerando níveis etários e às expetativas do

educador atendendo às oportunidades de aprendizagem criadas;

- Em relação aos critérios de avaliação, considera-se que para ser considerada positiva em cada Área de Conteúdo é necessário que 100% dos itens (das sub-áreas) estejam nos níveis M ou A. Considera-se “*sucesso*” quando a criança no final do ano obtém avaliação M ou A em duas ou mais áreas de conteúdo, não podendo obter nível baixo em nenhuma área, exceto na área de Conhecimento do Mundo.

O projeto é avaliado, essencialmente, pela educadora, a partir da reflexão sobre os seus efeitos, do ponto de vista das variáveis de processo e desenvolvimento de competências das crianças (SAC); pelas crianças, a partir dos registos da sua opinião em diferentes momentos; e pelas famílias, através de um questionário que acompanhará o portfólio, no último mês.

Para além da divulgação interna, a qual se caracteriza pela exposição e participação nas estruturas pedagógicas, prevê-se também a participação no jornal escolar e em atividades onde a divulgação de aspetos importantes do trabalho desenvolvido se verifique.

2.3. Metodologia Adotada pela Educadora Cooperante⁵

A metodologia utilizada nesta instituição baseia-se no SAC e numa organização bem estruturada e propositada do espaço, do tempo e dos materiais.

⁵ As informações contidas neste capítulo foram obtidas através de um documento facultado pela Educadora, o qual se denomina Projeto Curricular de Grupo.

2.3.1. Sistema de Acompanhamento de Crianças (SAC)

“O SAC é um instrumento de apoio à prática pedagógica do Educador de Infância que procura agilizar a relação entre práticas de observação, documentação, avaliação e desenvolvimento curricular, com base num ciclo contínuo de observação, avaliação, reflexão e ação, considerando o bem-estar, implicação, aprendizagem e desenvolvimento das crianças” (Portugal, 2006).

O instrumento utilizado pelas educadoras do JI é um projeto adaptado ao contexto do Agrupamento de Escolas, sendo esse projeto denominado *“Uma forma de avaliação processual do grupo e de cada criança”*, o qual foi idealizado e concebido pela coordenadora do corpo docente do Agrupamento, inspirando-se na adaptação proposta por Gabriela Portugal, nomeadamente, integrando o guião de competências e os critérios de avaliação estabelecidos neste Agrupamento. Este é, portanto, um sub-projeto de outro denominado *“Avaliação em Educação Pré-Escolar – Sistema de Acompanhamento das Crianças”*. No entanto, este projeto justifica-se quanto à pertinência e objetivos da mesma forma que o projeto-mãe.

Este sub-projeto, ao colaborar com o projeto-mãe, propõe-se a apoiar os educadores deste Agrupamento de Escolas na prática da avaliação e na construção de um instrumento de uso nacional para apoio às práticas de avaliação.

O instrumento original foi desenvolvido na Bélgica, mais precisamente na Universidade de Lovaina, por Ferre Laevers. Foi adaptado, posteriormente, por Gabriela Portugal e essa adaptação tem sido experimentada pelos alunos de Educação de Infância no estágio pedagógico, na Universidade de Aveiro, desde 2006.

Seguidamente, é apresentado um esquema do Processo de Avaliação, pelo qual se seguem as educadoras desta Instituição (**Quadro 3**):

Quadro 3. Processo de Avaliação seguido pelas Educadoras

Fases/Calendarização	Tarefas
Fase 1 (setembro)	Observar níveis de implicação e bem-estar emocional e o funcionamento das crianças tendo em conta as competências, sobretudo nas áreas de Formação Pessoal e Social e Expressão e Comunicação
Fase 2 (outubro/novembro) A – abordagem dirigida ao contexto. B – abordagem dirigida às crianças em particular.	Análise, reflexão e conclusão sobre: • A avaliação geral do contexto educativo e grupo em geral; • Avaliação das crianças individualmente; • Síntese das propostas de intervenção.
Fase 3 (novembro/dezembro)	Balanço da avaliação: desvio (resultados) relativamente à meta estabelecida no Agrupamento. Desenho do currículo, tendo em conta a intervenção no contexto. Definição de estratégias para o grupo e para crianças em particular.
Fase 4 (abril)	Avaliação das crianças que suscitaram preocupação na última avaliação. Reformulação do currículo, tendo em conta a intervenção no contexto. Redefinição de estratégias para crianças em particular, se necessário.
Fase 5 (julho)	Avaliação de todas as crianças e avaliação do grupo. Balanço da avaliação: comparação com a avaliação diagnóstica (progressos das crianças); desvio relativamente à meta (resultados).

2.3.2. Organização do Espaço, do Tempo e dos Materiais

2.3.2.1. Organização do Espaço

O espaço da sala de atividades, como já foi referido anteriormente, tem a dimensão de aproximadamente 40m², estando o mesmo dividido em diversas áreas, no entanto, a sua organização é flexível, tendo em conta os interesses e a evolução do grupo.

Estas áreas não são estanques, interligando-se muitas vezes, de acordo com as necessidades e os interesses das crianças, e também com a funcionalidade que lhe atribuem nas suas brincadeiras. Portanto, poderá haver momentos em que esta divisão terá a necessidade de ser alterada, consoante as atividades orientadas.

As regras de funcionamento desta sala, bem como as sanções a aplicar no caso de haver infrações das mesmas, foram decididas e acordadas por todas as crianças, em conjunto com a educadora, contudo, há sempre uma ou outra que necessita de ser reformulada e reajustada de acordo com novas propostas.

O espaço exterior é delimitado com gradeamento e portões de ferro, o pavimento é maioritariamente em cimento, contudo a área dos baloiços possui um pavimento de borracha e o banco de areia num espaço contíguo.

Este espaço é partilhado com as crianças da Creche do Centro Social e Paroquial, e como tal, é necessário obedecer a um horário de utilização no período da manhã, sendo que as crianças do JI só o poderão frequentar a partir das 11 horas.

Sempre que o tempo o permite, são desenvolvidas, diariamente, neste espaço, atividades lúdicas e/ou jogos de movimento (motricidade global).

Existe ainda uma sala contígua à do JI, na qual funciona o momento das ATL e que poderá ser utilizada para jogos de grande movimento, caso as condições atmosféricas não permitam que estes se desenvolvam no espaço exterior.

2.3.2.2. Organização do Tempo

A Componente Letiva, bem como a CAF, desenvolve-se segundo o que está inscrito no quadro seguinte (**Quadro 4**):

Quadro 4. Organização do Tempo no Grupo da Sala 3

Horas	Períodos	Intervenientes
7.30h – 9.30h	Receção das Crianças	CAF
9.30h – 12.30h	Componente Letiva	Educadora
12.30h – 13.30h	Almoço	CAF
13.30h – 15.30h	Componente Letiva	Educadora
15.30h – 18.30h	Atividades Livres	CAF

A distribuição do tempo educativo faz-se de um modo flexível, contudo podemos verificar um “*dia-tipo*” com um conjunto de atividades/tarefas correspondentes à rotina diária, seguidamente apresentadas através de um quadro (**Quadro 5**):

Quadro 5. Distribuição do Tempo Educativo no Grupo da Sala 3

Dia Horas	Segunda-Feira	Terça-Feira	Quarta-Feira	Quinta-Feira	Sexta-Feira
9.30h/9.45h	1	1	1	1	1
9.45h/10.15h	2	2	2	2	2
10.15h/10.30h	3	3	3	3	3
10.30h/11h	4	4	4	4	4
11h/12h	5	5	5	5	5

12h/12.30h	3	3	3	3	3
12.30h/13.30h	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
13.30h/14.30h	6	6	6	6	6
14.30h/15h	7	7	7	7	7
15h/15.30h	3	3	3	3	3
15.30h	8	8	8	8	8

Legenda:

- 1 – Receção das crianças.
- 2 – Atividades de grande grupo – momento de conversa, troca de vivências, hora do conto, ..., preparação de atividades.
- 3 – Momentos de higiene – preparação para o suplemento da manhã (10.15h), preparação para o almoço (12h), preparação para a saída (15h).
- 4 – Atividades livres no exterior ou na sala de atividades.
- 5 – Atividades planeadas – divisão de tarefas/divisão de grupos.
- 6 – Continuação das atividades planeadas – avaliação.
- 7 – Atividades livres.
- 8 – Saída.

O horário de atendimento aos pais e EE propicia-se em todas as primeiras segundas-feiras de cada mês, das 15 horas e 30 minutos até às 16 horas e 30 minutos.

2.3.2.3. Organização dos Materiais

Os materiais são adquiridos, tendo em conta as necessidades decorrentes de uma pedagogia que se desenvolve em torno de projetos e que vai ao encontro dos interesses evidenciados pelas crianças.

Os recursos materiais das três salas, sempre que é possível, são rentabilizados por todos. Proporcionam-se muitas atividades em conjunto

com as três salas, na sequência do desenvolvimento dos diversos projetos, sempre que assim o é permitido.

Outros dos recursos materiais importantes são os seguintes: o Baú dos Livros da Biblioteca Escolar, cedido apenas para a leitura dirigida pela Educadora e o Baú dos Livros cedido pela Biblioteca Escolar para o Projeto “*Leitura em Vai e Vem*”.

2.4. Planificação e Condução do Processo Educativo

2.4.1. A Minha Intervenção

Ao longo deste estágio em EPE, tive a oportunidade de participar e desenvolver projetos e atividades com um grupo heterogéneo, com idades compreendidas entre os três e os seis anos.

Uma das atividades que foi concebida e desenvolvida totalmente por mim tinha como objetivo principal ajudar as crianças a obter conhecimentos que as auxiliassem na distinção entre frutos e legumes. Outro objetivo era reconhecer que os frutos podem ser utilizados no dia a dia como frutas ou legumes. A planificação desta atividade encontra-se em anexo (**Anexo I**).

No geral, esta atividade correu de feição, de acordo com o que era pretendido e com as minhas expetativas. A planificação sofreu algumas alterações, como já era de prever, pois temos de estar preparadas para ir ao encontro dos interesses das crianças e dar ênfase aos conteúdos que eles desejam saber mais.

Assim sendo, não se proporcionou a confeção das saladas, pois quando as crianças estiveram a manusear os alimentos e a descobrir as suas características, tinham a possibilidade de provar. Nessa fase, algumas delas não se limitaram a provar e comeram literalmente os diversos alimentos. Não foi motivo para ficar aborrecida, até foi uma

situação engraçada e muito pertinente, visto que estavam na hora do almoço.

Outro aspeto foi o tempo, isto porque esta atividade estava programada para ser realizada apenas e só da parte da manhã, no entanto, como as crianças fizeram diversas intervenções, tive de terminar algumas tarefas da parte da tarde, prolongando assim o tempo inicial. Não me preocupei muito com o tempo, pois são essenciais e cruciais estas intervenções das crianças, como tal, desenvolvemos as atividades de acordo com o ritmo do grupo e os seus interesses.

Algo que eu não tinha pensado fazer era transpor as divisões feitas para o papel, o que se decidiu fazer durante a atividade, para que depois observassem a diferença entre a divisão inicial e a divisão final. A primeira foi realizada com os desenhos dos alimentos dentro de cada grupo, enquanto a última foi desenvolvida através da colagem dos papéis com os nomes dos alimentos. Foi uma forma de consolidar conhecimentos e concluir a atividade.

Outra das atividades que concebi e desenvolvi tinha como objetivo ajudar as crianças a preverem, experimentarem, observarem e compararem o processo de germinação de sementes, bem como o crescimento de plantas. A planificação desta atividade encontra-se em anexo (**Anexo II**).

No geral, a atividade correu muito bem, de acordo com o que eu pretendia e com as minhas expectativas. No entanto, a planificação, como era previsível, sofreu algumas alterações, as quais estiveram relacionadas com os interesses das crianças. Assim sendo, não se proporcionou a realização da sementeira do grupo nesse dia, devido ao tempo.

Outro aspeto foi o tempo de atuação, pois tinha previsto realizar esta atividade apenas na parte da manhã, contudo, como as crianças

fizeram diversas intervenções e falaram sobre atividades que já tinham realizado relacionadas com sementes, tive de terminar algumas tarefas da parte da tarde, prolongando assim o tempo inicial. O tempo não foi algo com que me tenha preocupado, pois estas intervenções são bastante importantes, até porque fiquei a saber que já tinham realizado uma atividade deste género, contudo tinha sido proporcionada apenas com algodão e eu dava a hipótese de utilizarem terra. Como tal, desenvolvemos as atividades de acordo com o ritmo do grupo e os seus interesses.

O que eu não tinha pensado em realizar era a identificação para o copo, o que se resolveu fazer durante a atividade, para que depois pudessem perceber de quem eram os copos, para posteriormente irem observando e registando o crescimento das sementes.

Relativamente a estas atividades posso afirmar que poderiam ter corrido melhor, caso estivesse menos nervosa inicialmente. Os nervos deviam-se ao fato de serem as primeiras atividades que eu ia desenvolver com um grupo heterogéneo num JI. Antes da realização destas atividades, pensava sempre se podia fazer mais alguma coisa, se podia fazer de um modo diferente, se havia outras maneiras mais interessantes para fazer uma ou outra tarefa, entre muitas outras indecisões. No decorrer das atividades, o que eu pensava era que não podia acontecer nada de errado e isso fazia de mim uma estagiária mais tensa, nervosa e ansiosa. Contudo, a presença e o envolvimento das crianças nas atividades, ajudavam-me a relaxar e a disfrutar do momento com o grupo.

Estas atividades suscitaram o interesse da maioria das crianças e isso só me faz ficar ainda mais feliz. De acordo com o que verifiquei com o grupo no final de cada atividade, as crianças captaram o essencial e os

objetivos propostos foram atingidos. Assim sendo, o grupo conseguiu distinguir frutos de legumes, baseando-se nas características dos alimentos, mais precisamente pela existência ou não de sementes. O grupo percebeu também, que cada semente tem as suas características, as quais influenciam a germinação das mesmas e o crescimento das plantas. O tamanho das plantas não é determinado pelo tamanho da semente, como muitas crianças conseguiram verificar.

Posso afirmar que antes de começar a estagiar pensava que ia estar num dos JI em que as crianças estão sentadas à volta de uma mesa a realizar as mesmas “*fichas*” previamente estabelecidas pela educadora. Pensava assim porque já tinha visto várias realidades e a maioria delas centrava-se neste tipo de trabalhos. Mas ao mesmo tempo indagava-me se seria possível eu conseguir ter uma postura diferente dessa, caso a mesma existisse no JI.

Após o contato com o grupo e a educadora na primeira semana, pude verificar que não existiam as conhecidas “*fichas*” e que as crianças tinham liberdade de escolha na maioria das atividades que pretendiam realizar. Fiquei então mais descansada por não existirem “*fichas*”, contudo, após perceber melhor a metodologia adotada pela educadora, fiquei apreensiva, pois era muito diferente do que estava à espera.

Com o tempo, fui-me integrando melhor com a metodologia e consegui idealizar e concretizar atividades de acordo com a mesma.

PARTE III – O Contexto de Intervenção no Ensino do 1.º CEB⁶

⁶ As informações contidas neste capítulo foram obtidas através dos documentos facultados pela educadora, pela professora e pelas instituições de ensino, sendo eles os seguintes: Projeto Educativo de Agrupamento, Projeto Curricular de Agrupamento e Projeto Curricular de Turma.

Segundo a Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), de 1986, em Portugal, o ensino básico (ou educação básica) é o nível de ensino correspondente aos primeiros nove anos de educação escolar formal, sendo universal e gratuito. Assim, é obrigatória a frequência para as crianças entre os seis e os quinze anos de idade.

A LBSE é a lei que estabelece o quadro geral do sistema educativo nacional, integrando aí, os diversos níveis de ensino, bem como os objetivos para cada um desses níveis.

A oferta da educação básica universal é encarada como uma das prioridades essenciais para iniciar o processo de mudança social e de desenvolvimento sustentado dos países em desenvolvimento. Sendo por isso, o objetivo do programa *Educação para Todos* patrocinado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO).

A Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança, aprovada no seio do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e da Assembleia Geral das Nações Unidas em 1989, estabelece a educação básica como um dos direitos inalienáveis das crianças, estabelecendo os padrões mínimos a que deve obedecer.

Quando o ensino básico foi estabelecido pela LBSE de 1973, este compreendia o ensino primário e o preparatório, os quais duravam oito anos e correspondiam à escolaridade obrigatória. Em virtude da ocorrência do 25 de abril de 1974, a LBSE de 1973 não chegaria a ser totalmente aplicada. A aplicação da atual LBSE deu-se em 1986 e o ensino básico passou então a compreender três ciclos, com uma duração total de nove anos. O primeiro ciclo tem a durabilidade de quatro anos, o segundo de dois anos e o terceiro de três anos.

O primeiro ciclo do ensino básico é conhecido como o ensino globalizante e a sua responsabilidade é de um professor único, o qual pode ser coadjuvado em áreas especializadas. A este corresponde a aprendizagem básica da leitura, da escrita e das operações matemáticas simples.

Os segundo e terceiro ciclos organizam-se por áreas interdisciplinares de formação básica, em que cada área é, predominantemente, da responsabilidade de um professor diferente. A estes corresponde a consolidação de tudo o que foi aprendido nos ciclos anteriores e as aprendizagens básicas na área da língua materna, história e compreensão do meio social e natural envolvente.

Em Portugal, as escolas públicas onde se realiza o ensino básico têm a designação genérica de “*escola básica*”, contudo existem diversas tipologias, tendo em conta os ciclos aí ministrados.

O profissional decretado para o 1.º CEB denomina-se professor do 1.º CEB e, segundo o Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto, o mesmo “*desenvolve o respetivo currículo, no contexto de uma escola inclusiva, mobilizando e integrando os conhecimentos científicos das áreas que o fundamentam e as competências necessárias à promoção da aprendizagem dos alunos*”.

Entre muitas outras situações, o professor deve promover o desenvolvimento integrado de saberes, atitudes e competências em crianças e jovens, tendo em conspeção a sua realização individual como cidadãos, a integração harmoniosa na sociedade e a preparação para a inclusão no mundo do trabalho

No 1.º CEB, os professores abordam, de forma integrada e articulada, as diversas áreas disciplinares e não disciplinares que fazem parte do currículo, contribuindo, assim, para a formação geral dos alunos.

Assim sendo, a sua atuação visa, essencialmente, proporcionar experiências de aprendizagem aos alunos, as quais lhes possibilitem desenvolver competências de comunicação ao nível da oralidade e da escrita, da literacia matemática e ao nível do estudo do meio, das expressões artísticas e físico-motora.

Entre as diversas principais funções que se lhe aplicam (ao professor), a organização, o desenvolvimento e a monitorização do processo de ensino-aprendizagem assentes na análise de cada situação concreta, são algumas das consideradas as cruciais no seu desempenho. O professor desempenha ainda um papel fundamental no desenvolvimento pessoal e social dos alunos, contribuindo para a aquisição de conceitos de cidadania, adequados ao nível etário.

O currículo do ensino básico diz respeito ao conjunto das aprendizagens que os alunos concretizam, ao modo como estas estão dispostas, ao lugar que ocupam e ao papel que representam no percurso escolar ao longo do ensino básico.

O professor tem, portanto, de fomentar a aprendizagem de competências socialmente relevantes, no âmbito de uma cidadania ativa, responsável e consciente, enquadrada nas opções de política educativa existentes nas diversas dimensões do currículo integrado deste ciclo.

Em cada área curricular, o professor tem objetivos a cumprir, os quais estão estipulados no Decreto-Lei n.º241/2001, de 30 de agosto.

Depois de tudo o que foi descrito, posso agora referir que o meu estágio no ensino do 1.º CEB teve início nos meados do mês de outubro de 2011 e finalizou-se no mês de janeiro de 2012.

Ao contrário do estágio na EPE, este não estava organizado por fases específicas, no entanto, tivemos uma semana de observação e após a mesma começou logo a fase de intervenção.

Para este estágio, estivemos organizadas em grupos, os quais eram constituídos por três estagiárias. Assim, a coordenação das aulas estava ao encargo de três professoras estagiárias e de uma professora cooperante.

Inicialmente e até ao mês de dezembro, o dia foi repartido (em três) e cada estagiária estava encarregue da turma numa dessas partes. O último mês de estágio (janeiro) foi diferente, por opção nossa, isto porque pensámos ser importante, cada uma de nós ter a experiência de ficar encarregue da turma durante o dia inteiro. Como o estágio se desenvolve em três dias por semana e em janeiro eram três as semanas de estágio, optámos por cada uma de nós se encarregar de um dia diferente por semana. Por exemplo, na primeira semana eu ficaria encarregue da turma na segunda-feira, na segunda semana ficaria na terça-feira e na terceira semana ficaria encarregue da turma na quarta-feira.

3.1. Caracterização da Escola do 1.º CEB

A escola é frequentada por noventa e cinco alunos. É um edifício do tipo Plano Centenário, encontrando-se em bom estado de conservação. Este é constituído apenas por um bloco único, com esquerda e direita e dois pisos, tendo em funcionamento cinco salas de aula. No rés do chão funciona uma biblioteca e encontram-se os espaços destinados à arrecadação e às casas de banho, bem como três salas de aula. No primeiro andar funcionam as restantes duas salas de aula.

Em redor do edifício há um grande pátio arborizado, parcialmente pavimentado com um espaço com areia, devidamente murado e com rede

de ambos os lados. Toda a zona envolvente se encontra murada e com rede.

Em cada sala de aula funciona uma turma, como está evidenciado no quadro seguinte (**Quadro 6**).

Quadro 6. Distribuição das Turmas pelas Salas de Aula

Ano de Escolaridade	Turma	Sala	Número de Alunos
1.º	1	1	19
1.º	2	2	19
2.º	3	3	20
2.º/3.º	4	4	15
3.º	5	5	22

Sendo as instalações desta escola insuficientes para o número de alunos inscritos, existe ainda uma sexta turma que funciona, provisoriamente, na escola Sede do Agrupamento, destinada ao 4.º ano de escolaridade.

Este estabelecimento de ensino não tem refeitório. Desta forma, as crianças são transportadas para o Centro Social e Paroquial da localidade para assim poderem almoçar⁷. Este transporte é realizado através de carrinhas facultadas pelo mesmo.

Para além disto, este estabelecimento também não dispõe de CAF, dado que, habitualmente, os educandos são deixados na escola, pelos pais/EE, a partir das 8h30 min (horário de abertura) e, estes vêm buscá-los após o término das AEC⁸ – o que ocorre pelas 17h30 min. Até às 18h00 min (hora de encerramento do edifício), ainda se encontram, na

⁷ É de notar que nem todas as crianças se deslocam até ao Centro Paroquial para almoçar, visto algumas terem a possibilidade de almoçar em casa.

⁸ Existem três crianças que não frequentam as AEC. Desta forma, após o término das aulas (15h30min), estas vão para casa.

escola, as auxiliares, com o intuito de se realizarem os respetivos serviços de limpeza.

A equipa educativa que está diariamente no estabelecimento de ensino, assegurando o funcionamento da escola, das 8h30 min às 18h00 min, é constituída por dez pessoas: cinco professoras Titulares de Turma, uma docente da Educação Especial, dois docentes de Apoio Educativo, duas auxiliares de Ação Educativa e uma tarefaira.

Esta equipa educativa desempenha um papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Todas as professoras Titulares de Turma desempenham funções educativas, lecionando também uma das AEC - Apoio ao Estudo, duas vezes por semana (2 x 45 minutos), exceto a professora cooperante com quem estagiei, visto exercer funções de Coordenação de Departamento.

A tarefaira colabora com o corpo docente, desempenhando funções de acompanhamento dos alunos, fora da sala de aula e, zelando pela manutenção e higiene de espaços e materiais.

Para além desta equipa diária, a escola conta ainda com a colaboração semanal de quatro dinamizadores das AEC – Ensino do Inglês, Atividade Física e Desportiva, Ensino da Música e Animação.

É do conhecimento geral que a comunidade tem um papel muito importante na concretização de um bom processo educativo. Assim, o envolvimento da família na vida escolar dos seus educandos é fundamental para que estes tenham sucesso na sua vida escolar. Como tal, devem perspetivar a escola como um espaço aberto, onde se sintam parte integrante e participante de todo o processo educativo.

Os pais foram convidados a ter um papel ativo na educação dos seus educandos, de modo a colaborar com a escola, não só fazendo parte da APEE, mas também através de sugestões e propostas que possam ser

integradas no Projeto Curricular de turma (PCT) e participando em atividades desenvolvidas na escola ou na própria sala do seu educando.

A participação dos pais/EE deverá verificar-se também na avaliação dos seus educandos, tanto no início do ano como ao longo do mesmo. No início do ano, porque é importante conhecer os critérios de avaliação e ao longo do ano para auxiliar nos processos de planeamento, realização e avaliação dos Planos de Recuperação, Acompanhamento e/ou de Desenvolvimento e para ter conhecimento dos resultados das avaliações diagnóstica, formativa e sumativa.

A equipa educativa da escola, bem como o seu espírito de partilha de ideias, contribui para o enriquecimento pessoal e profissional dos docentes e, conseqüentemente, dos discentes.

Entre os docentes desta escola fomenta-se a articulação vertical e o trabalho em equipa, com o intuito de se direccionar e desenvolver melhor as ações pretendidas. Contudo, é necessário ter sempre em consideração que a prestação no desempenho e o sucesso educativo dos alunos é o mais importante a atingir.

Existem, no entanto, outros parceiros educativos, como as Autarquias e o Centro Social, que também colaboram com esta escola a diversos níveis, nomeadamente na cedência de transporte e na resolução de algumas reparações que vão sendo necessárias, com o objetivo de tornar o ambiente educativo mais atrativo para quem o frequenta.

A escola dispõe ainda de parcerias com outras instituições, que pelas suas características assumem um papel importante, cedendo, por exemplo, espaços para a realização de atividades de caráter comum, sendo elas as seguintes: a Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) local, o Centro de Saúde, a Biblioteca Municipal, a Polícia de

Segurança Pública (PSP) através do programa Escola Segura, entre outras.

3.2. Caracterização da Turma 2 do 1.º Ano da Escola do 1.º CEB

3.2.1. Organização do Ambiente Educativo – Turma

A turma 2 do 1.º ano, da Escola EB1 C, é constituída por 19 alunos, sendo que 8 são do sexo feminino e 11 do sexo masculino. A maioria dos alunos iniciou o ano letivo com 5 anos, tendo feito os 6 anos até ao fim do ano civil. O grupo tem ainda um aluno que já completou os 7 anos de idade.

A professora Titular de Turma realizou, no início do ano letivo, um diagnóstico individual dos alunos. Através desse diagnóstico, relativamente aos alunos e ao contexto escolar, detetaram-se algumas dificuldades que foram tidas em conta na preparação do ano letivo desta turma.

A turma mostra dificuldades de atenção/concentração, não demonstrando hábitos de trabalho, organização na realização dos mesmos e autonomia. Desta forma, mostram pouco interesse pelo estudo, revelando interesses divergentes à escola.

Algumas crianças revelam dificuldades ao nível do domínio do vocabulário fundamental, da compreensão e interpretação de ideias, assim como da expressão oral. Todas estas dificuldades se agravam, devido a uma marcante falta de regras, que os levam a comportamentos e atitudes desajustados do meio escolar.

Por fim, existe ainda uma ausência de material escolar e de determinados pré-requisitos, dificuldades que não estão diretamente relacionadas com as crianças mas que condicionam o seu trabalho escolar.

Contudo, existem quatro crianças que revelam características específicas, evidenciando possíveis problemas de aprendizagem. Assim sendo, foi realizada uma avaliação diagnóstica para cada um deles, onde estão especificados os comportamentos revelados.

Para que os diferentes momentos do dia decorram num clima de tranquilidade e bem-estar é necessário, tanto para os alunos, como para os adultos, a existência de regras de organização do grupo.

Semanalmente, e de forma rotativa, há sempre um aluno responsável por diversas atividades, tais como a distribuição dos Trabalhos Para Casa (TPC), dos materiais, dos cadernos diários (capas de argolas) e dos manuais. A esse aluno é dado o nome de “*Chefe de Turma*”. É certo que, com o passar do tempo e com a crescente autonomia, serão adicionadas outras tarefas, como por exemplo, a marcação do tempo ou das várias grelhas de observação/avaliação (comportamento, TPC, material, ...), afixadas nos placares da sala de aula.

É igualmente importante que todos os alunos participem, percebam e contribuam para a implementação desta organização.

O grupo de pais das crianças desta sala pertencem à classe média, com atividades profissionais variáveis e na sua maioria ambos os pais se encontram empregados. Os EE são, na sua maioria, as mães, sendo que todos provêm de famílias estruturadas, existindo apenas uma criança a viver numa família monoparental. Os agregados familiares variam entre os três e os quatro elementos.

No que respeita às profissões das mães, verifica-se que são diversas as atividades exercidas pelas mesmas, contudo, pode-se salientar que quatro são domésticas e existem duas mães cuja profissão é desconhecida.

Relativamente às profissões dos pais, também existe um leque variado de atividades, no entanto posso salientar que três pais trabalham como agricultores, dois são pedreiros e outros dois são carteiros.

No que concerne às habilitações literárias dos pais, estas são variáveis, sendo que a maioria tem o secundário e apenas dois progenitores têm formação superior.

Através dos dados obtidos, podemos ainda concluir que os pais dos alunos se encontram, maioritariamente, entre os 31 e os 40 anos de idade.

3.2.2. Organização do Ambiente Educativo – Espaço

Na sala de aula encontram-se dezanove mesas individuais, cada uma ocupada por um aluno, cuja disposição é alterada conforme a conveniência do momento. Estas disposições devem-se ao fato de se pretender incutir um ar mais sério nesta fase de entrada na “*escola dos grandes*”, procurando, com esta medida, promover hábitos de trabalho individual, maior responsabilidade nas tarefas e desenvolver maiores níveis de atenção/concentração.

É ainda possível verificar a existência de um “*Cantinho da Informática*”. Esta área está equipada com um computador sem ligação à internet, sendo o *software* educativo apenas aquele que a professora adquiriu de uma forma pessoal e que leva para a escola para utilização com os alunos.

As paredes da sala destinam-se à afixação de trabalhos/materiais das várias áreas. Os espaços de afixação dos mesmos são específicos e pré-definidos. Por cima do quadro de ardósia são afixados os materiais de Língua Portuguesa. Do lado direito do mesmo encontram-se as regras da

sala de aula⁹, os materiais de Matemática e Estudo do Meio e na parede oposta ao quadro encontram-se as grelhas de registo. Estas opções ficam a dever-se a questões de espaço físico e ainda à visualização mais adequada e constante destes materiais. Lateralmente, são expostos trabalhos, individuais e de grupo, de Expressão Plástica.

Aquando da elaboração de trabalhos em grande grupo, juntam-se algumas das mesas dos alunos, no fundo da sala de aula.

Por cima do quadro existe ainda uma tela de projeção para utilização dos recursos audiovisuais, nomeadamente do vídeo-projetor que se encontra presente na sala de aula.

3.2.3. Organização do Ambiente Educativo – Tempo

É importante ter em conta um equilíbrio na organização dos tempos e atividades e na integração das rotinas na gestão diária do mesmo. A realização de algumas atividades, sempre no mesmo momento do dia, facilita a criação de hábitos e a aquisição de conceitos relativos ao tempo.

Assim, antes de entrar na sala de aula, os alunos colocam os casacos nos cabides. Ao entrarem, depois de se dirigirem para o seu lugar, colocam os TPC em cima da sua mesa, de forma a estes serem recolhidos pelo Chefe de Turma para serem colocados na secretária da professora.

Chegada à hora do almoço, todos se deslocam para a carrinha do Centro Social.

No final das atividades letivas, os alunos são convidados a deixar a sua mesa limpa e a contribuir para a limpeza da sala de aula.

⁹ As regras da sala de aula foram retiradas do local pré-definido para a sua afixação por conveniência. Foram colocadas na parede oposta ao quadro de ardósia, junto às grelhas de registo. Assim, neste espaço, colocaram-se os aniversários dos alunos e da professora da turma.

Segundo o PCT (2011), a distribuição dos tempos letivos está de acordo com o Despacho n.º 19575/2006, de 25 de setembro, podendo verificar-se nos quadros seguintes (**Quadros 7, 8 e 9**).

Quadro 7. Distribuição Semanal dos Tempos Letivos

Áreas Curriculares	Horas Letivas
Língua Portuguesa	8 horas (1 hora diária de leitura)
Matemática	7 horas
Estudo do Meio	5 horas (metade de Ensino Experimental das Ciências)
Expressões e restantes Áreas Curriculares	5 horas

Quadro 8. Atendimento aos Encarregados de Educação

Dia	Hora
primeiras sextas-feiras de cada mês	das 12h30 min às 13h30 min

Quadro 9. Momentos de Avaliação

1.º Momento 19 a 21 de dezembro	2.º Momento 26 a 28 de março	3.º Momento 19 a 21 de junho
Entrega do Registo da Avaliação Sumativa aos Encarregados de Educação	Entrega do Registo da Avaliação Sumativa aos Encarregados de Educação	Entrega do Registo da Avaliação Sumativa aos Encarregados de Educação

3.2.3.1. Rotinas Diárias

Além da distribuição semanal dos tempos letivos, o grupo tem ainda um conjunto de atividades que realiza diariamente, durante toda a semana de trabalho.

De seguida, apresentamos o conjunto dessas rotinas diárias:

- Receção aos alunos com canção alusiva e recolha e correção do TPC;
- Registo de sumários e espaço de diálogo sobre os acontecimentos presentes;
- Esclarecimento de dúvidas;
- Espaço de diálogo sobre o saber-estar, saber ser (Formação Cívica);
- Área de expressões – sempre que se justifiquem e relacionadas com o tema em estudo;
- Momentos de reflexão sobre o trabalho desenvolvido (auto e heteroavaliação);
- Momentos de orientação ao estudo (Estudo Acompanhado), apoio personalizado;
- Momentos de sensibilização às aprendizagens e à qualidade das mesmas, tendo como base o interesse e a dedicação;
- Momentos de pintura, recorte e colagem, inerentes às várias áreas curriculares e não curriculares;
- Sensibilização a um bom relacionamento humano;
- Definição de regras de postura e de trabalho;
- Organização e operacionalidade do dossiê do aluno;
- Pesquisas através da utilização do computador de temas trabalhados;
- Interdisciplinaridade entre áreas de estudo, com temáticas a desenvolver;
- Exploração de temas novos, em função de dúvidas trazidas de casa;

- Momentos com jogos lúdicos, como auxiliares de aprendizagem - lotos, puzzles, jogos de leitura de sílabas e palavras, jogos sobre o corpo humano, jogos de identificação e localização das províncias em Portugal e Portugal Continental, etc.;
- Audição de música ambiente ou como auxiliar de momentos de aprendizagem (aquisição de fonemas);
- Visualização de filmes relacionados com temas de Estudo do Meio, sempre que se justifique e como auxiliares de momentos de concretização e consolidação de aprendizagens;
- Despedida com canção alusiva.

3.3. Metodologia Adotada pela Professora Cooperante

Durante a minha prática educativa, tive a oportunidade de observar o trabalho realizado pela professora cooperante junto da turma. Desta forma, consegui perceber que esta tem como linha de orientação educativa as aprendizagens dos alunos, os seus sucessos e as suas formações pessoais e sociais.

Nunca esquecendo que todas as crianças possuem um conjunto de experiências e saberes que foram acumulando ao longo da sua ainda curta existência, a professora não pretende que todos percorram os mesmos caminhos para atingir as competências ou o domínio dos conceitos, mas sim que todos se tornem observadores ativos com capacidade para descobrir, investigar, experimentar e aprender.

Assim, para que a aprendizagem tenha sucesso será posta em prática uma metodologia ativa que:

- permita aos alunos questionarem-se permanentemente;

- seja aberta e flexível;
- promova uma escola democrática e inclusiva;
- favoreça a aprendizagem individual e cooperante;
- efetive, sistematicamente, a consolidação de conhecimentos;
- incentive o debate;
- promova o diálogo democrático, aberto e franco, quer com os alunos, quer com os EE.

Juntamente com a metodologia adotada são, também, implementadas estratégias globais que estão de acordo com o novo modelo de organização curricular. Devem, então, ter em conta a transversalidade de saberes e competências, estando associados a todo o programa curricular.

Como tal, e em função das competências a serem desenvolvidas, as estratégias a privilegiar para a turma são explicitadas pela professora no PCT.

Além destas estratégias, a professora refere a importância de privilegiar a Diferenciação Pedagógica, pois os alunos com dificuldades de aprendizagem constituem uma preocupação constante.

Sempre que se constate ou se suspeite a existência de problemas do foro psicológico, os alunos serão encaminhados para o Serviço de Psicologia e Orientação (SPO) do Agrupamento, onde serão observados por técnicos, que lhes fazem o acompanhamento adequado. A família é também chamada a colaborar, alertando-os para a necessidade de estarem atentos e de procurarem dar o apoio de que eles carecem.

“Para os alunos com possíveis Necessidades Educativas Especiais, que possam ter limitações significativas ao nível da atividade e da participação, num ou vários domínios de vida, decorrentes de alterações

funcionais ou estruturais de caráter permanente, resultando em dificuldades continuadas ao nível da comunicação, da aprendizagem, da mobilidade, da autonomia, do relacionamento interpessoal e da participação social, serão ativados os apoios especializados, tal como estabelece o Decreto-Lei n.º 3/2008, de 7 de janeiro” (PCT, 2011).

3.4. Planificação e Condução do Processo Educativo

3.4.1. A Minha Intervenção

Ao longo deste estágio no Ensino do 1.º CEB, tive a oportunidade de lecionar determinados conteúdos a alunos de uma turma do 1.º ano. A minha intervenção começou por ser pontual, numa parte do dia e já no final do estágio tive a oportunidade de dar aulas um dia inteiro.

Assim sendo, vou partilhar um pouco da minha intervenção, mais precisamente, duas planificações, enunciando o que correu bem e o que correu mal e como poderia ser melhorada a minha prestação.

A nona semana de intervenção (planificação em anexo – **Anexo III**), última em que o dia estava repartido pelas três estagiárias, foi um pouco diferente, pois tratava-se da semana que antecedia as férias de Natal e por isso existiram mais atividades práticas. Contudo, no primeiro dia dessa semana, ainda tive a oportunidade de lecionar os sólidos geométricos.

Para introduzir este tema da melhor forma, pensei ser pertinente relembrar o nome das figuras geométricas, pois todos sabemos que elas estão presentes nos sólidos geométricos e também para, posteriormente, perceberem a diferença entre figuras e sólidos geométricos.

Ao questionar a turma, verifiquei que alguns alunos não se lembravam do nome de todas as figuras geométricas e outros ainda

confundiam umas com as outras, principalmente o quadrado com o triângulo.

Assim, tornou-se necessário, fazer uma breve revisão relativamente ao nome das figuras geométricas. Depois de estas estarem melhor organizadas nas cabeças dos alunos, procedi à introdução do novo tema: os sólidos geométricos – apresentando-o à turma através de sólidos de madeira existentes na escola.

Houve então, a preocupação da minha parte em fazer a distinção entre figuras e sólidos geométricos, referindo, principalmente a questão do volume que os sólidos ocupam no espaço.

Alguns discentes perceberam de imediato que existem objetos com que se deparam no dia a dia que têm a forma de alguns dos sólidos geométricos, associando-os. Como por exemplo, um rapaz ao deparar-se com um cilindro, equiparou a sua superfície curva ao tronco de uma árvore.

Após o meu receio inicial, devido a ir introduzir este tema, fiquei mais tranquila ao perceber que a turma estava concentrada e atenta ao que eu estava a dizer, assimilando de imediato muitas das informações que tinham sido transmitidas.

Na terça-feira dessa semana, a turma esteve dividida em grupos e cada uma das estagiárias estava encarregue de realizar atividades com um grupo. O meu grupo esteve a confeccionar um presépio de bolachas com geleia, com o intuito de se comer no dia seguinte.

A ideia de o construir surgiu da minha parte, após ter visto um num livro de atividades de Natal. O grupo que ficou comigo estava muito perplexo a olhar para tanta bolacha e geleia em cima da mesa e quando lhes disse o que íamos confeccionar, ficaram deveras entusiasmados e quiseram começar logo a trabalhar.

Os alunos que estavam comigo foram construindo o presépio, sempre com o meu auxílio, para que não caíssem bolachas e o presépio ficasse intacto. Durante a confeção do presépio de bolachas, os alunos dos outros grupos estavam constantemente a ver a evolução do presépio, com vontade de ver o resultado final e também com alguma tristeza por não fazerem parte daquele grupo. Depois do presépio estar pronto, o grupo estava bastante orgulhoso do seu feito, não conseguindo disfarçar perante os restantes colegas.

Neste dia, os grupos não eram para ficar fixos, o objetivo inicial era que todos os grupos passassem por todas as atividades, contudo, no dia, verificámos que tal não era possível devido ao tempo que possuíamos para realizar tais atividades e tivemos de nos cingir a um grupo cada uma.

Na minha opinião, os grupos deveriam mesmo ter passado por todas as atividades e penso que para uma próxima, devíamos ter em atenção o tempo, para que houvesse rotatividade nos grupos.

Na quarta-feira, optei por levar um presépio feito com espátulas de madeira, pois achei que a turma não poderia ficar sem presépio, depois de se comer o de bolachas. A turma ficou muito contente por ver o presépio que fiz para ela e estava empolgada para comer o que tinha sido feito por um dos grupos de alunos.

Nesse mesmo dia, fiquei encarregue de ensaiar com a turma a música que iam cantar e dançar na festa de Natal e gostei muito, pois todos os alunos se mostravam atentos e com vontade de trabalhar. Assim, pedi-lhes que me ajudassem a criar uma coreografia para a música. A turma fê-lo com bastante vontade e entusiasmo, demonstrando grande criatividade e sendo uma ajuda preciosa naquele momento.

Na sexta-feira foi a festa de Natal, na qual tive o prazer de estar presente e correu tudo muito bem e a turma estava feliz com o resultado final.

Na décima primeira semana (planificação em anexo – **Anexo IV**), cada dia já estava encarregue por uma estagiária e como tal, o dia que me coube foi a terça-feira.

Esse dia foi muito complicado e difícil para a turma, pois tiveram de adquirir demasiados conceitos novos, sendo assim muita informação para eles assimilarem. No entanto, estiveram muito atentos e interessados pelos novos conteúdos.

Iniciei o dia com a introdução do número dez e da noção de dezena, através de uma atividade prática. Antes de chegar este dia, estava ansiosa e muito confiante, pois adoro matemática e gostava do que ia lecionar, contudo, chegado o dia, a ansiedade transformou-se em nervosismo e parecia que tudo me estava a correr mal. No entanto, tudo correu da melhor forma e a maioria da turma conseguiu assimilar este novo conceito: a dezena.

Todos sabemos que é um conceito diferente do que têm vindo a aprender e que é difícil assimilá-lo por completo no dia em que é inserido, por isso é que é importante rever sempre o que é dado e realizar exercícios para que percebam ainda melhor o que foi lecionado.

Depois, introduzi dois dos sons da letra “R”, através de outra atividade prática, a qual solicitava muito a interação do grupo. Levei dois cartazes, um relacionado com o som “r” (entre duas vogais) e outro com o som “rr”. Depois pedi à turma que me dissesse palavras que contivessem um destes sons. A maioria da turma conseguiu identificar as diferenças entre os diversos sons da letra “R” e teve facilidade em encontrar palavras para esses mesmos sons.

Lembrei-me de rever algumas das palavras que tinham sido escritas no cartaz do dia anterior (som “r” no início da palavra), com o intuito de verificar se eles se lembravam ou não delas. Perguntei à turma se ainda se lembrava do que era a Rússia e um menino respondeu que era um planeta, onde o restante grupo retorquiu dizendo que era um país e não um planeta.

Isto só mostra que as atividades que são realizadas com eles são benéficas para o seu desenvolvimento e que eles conseguem assimilar a informação necessária para cada conteúdo lecionado.

PARTE IV – Reflexões Pessoais

4.1. Reflexão do Estágio em Educação Pré-escolar

Ao longo deste estágio em EPE, tive a oportunidade e o prazer de observar diversas atividades e projetos, bem como desenvolver alguns com este grupo de crianças. Referirei esses momentos, para um melhor entendimento de como estavam organizados os dias destas crianças, bem como era colocada em prática a metodologia adotada pela própria Educadora. Após reflexão, surgirá uma breve análise das atividades, com o intuito de dar a conhecer a minha humilde opinião acerca das mesmas e/ou de alguns acontecimentos ocorridos durante o desenvolvimento dessas atividades.

A Educação Pré-Escolar é, segundo as OCEPE (1997) a etapa da educação básica onde se devem criar as condições necessárias para o sucesso da aprendizagem de todas as crianças, promovendo-lhes autoestima e autoconfiança, desenvolvendo assim competências que permitem a cada criança reconhecer as suas possibilidades e progressos.

Como referem as OCEPE (1997), as crianças desempenham um papel ativo *“na construção do seu desenvolvimento e aprendizagem”*, assim sendo, temos de encará-las como sujeitos do processo educativo e não meros objetos do mesmo. Como tal, é importante partirmos do que a criança já sabe, da sua cultura e dos seus saberes próprios, respeitando e valorizando as suas características individuais, pois tudo isso *“constitui a base de novas aprendizagens”* (OCEPE, 1997).

Segundo as OCEPE (1997), o educador deve, portanto, *“estimular o desenvolvimento global da criança, no respeito pelas suas características individuais”*, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da mesma e baseando-se numa interligação entre o desenvolvimento e a aprendizagem.

Tendo isto em consideração, procurei ser, na minha prática, um apoio para as crianças, onde as mesmas partilhavam o poder de decisão com o adulto, estando o processo educativo a cargo tanto do adulto como do grupo. Com isto, tinha intenção de criar um equilíbrio entre a liberdade de explorarem o próprio ambiente educativo e os limites imprescindíveis para se sentirem em segurança na sala de atividades (Hohmann, 1995).

Os projetos que tive a oportunidade de apoiar, durante o meu estágio, foram os seguintes: “*Casamento*”, “*Leitura em Vai e Vem*”, “*Instrumentos Musicais*”, “*A Maior Flor do Mundo*” e o da Festa de Final do Ano, o qual englobava, na minha sala de atividades, duas propostas, o “*Bailado da Bela Adormecida*” e a “*Marcha Turca*”.

O projeto “*Casamento*” definiu-se pela construção de acessórios relacionados com a cerimónia do casamento, para, no final, se proceder à realização do mesmo, cujos intervenientes eram as próprias crianças. Este começou por ser um projeto de sala, no entanto, as conversas entre as crianças dos diferentes grupos levaram a que se tornasse um projeto de interesse por parte de todas as crianças daquele JI. Ao longo de todo este projeto, pude verificar que as crianças conseguem recordar-se de todos os pormenores possíveis que observaram nos diferentes casamentos a que já foram como convidadas, o que é muito interessante, pois pôde-se aferir daí, os conhecimentos que as crianças já possuíam acerca desta temática.

O projeto “*Leitura em Vai e Vem*” é uma proposta para a EPE que foi lançada, no ano letivo de 2007/2008, pelo PNL, no âmbito do Projeto de Promoção de Leitura em Família. Este projeto tem como objetivo promover a leitura no JI e o seu prolongamento na família. Assim sendo, as crianças escolhiam um livro, o qual era trabalhado em casa com os pais. Juntamente com o livro escolhido levavam também uma ficha de

registo, onde as crianças podiam fazer o desenho ilustrativo da história e os pais podiam, se assim o entendessem, escrever algumas ideias sugeridas pelas crianças. Este é um projeto que decorre nas diversas salas da instituição. Relativamente a este projeto, penso que é uma ideia bem enquadrada e essencial para as crianças, pois, além de perceberem que podem englobar os pais na sua aprendizagem, começam a adquirir o gosto pela leitura (pré-leitura).

O projeto “*Instrumentos Musicais*” surgiu do interesse das crianças e caracterizou-se pela construção de instrumentos musicais, com material reciclado e de acordo com a imaginação e os conhecimentos que as crianças possuíam. Este projeto desenvolveu-se a par com o do “*Casamento*” e os instrumentos construídos fizeram parte da “*banda*” da igreja. No decorrer deste projeto pude averiguar que as crianças têm muitos conhecimentos e que, às vezes, o adulto subestima as crianças, pensando que elas não (re)conhecem e não identificam as características dos diversos instrumentos que conhecem, e que não conseguem definir também as diferenças existentes entre os mesmos. Posso referir um momento que tive com uma das crianças, que estava a construir um órgão e eu, com o intuito de perceber se ela sabia o que estava a construir, disse-lhe “*Que piano tão lindo!*”. A resposta que obtive foi a seguinte: “*Não é um piano! Um piano tem pernas e este não tem! Isto é um órgão!*”. Com estas observações, podemos afirmar que não devemos subestimar as crianças, elas possuem muitos conhecimentos e conseguem surpreender-nos com eles.

“*A Maior Flor do Mundo*” foi um projeto muito interessante que se desenvolveu naquela instituição, o projeto principal tinha o nome de “*Projeto Duas Histórias*”, em que, durante o ano letivo em questão, as educadoras trabalharam, nas suas salas, duas histórias. Para cada história

propunham-se diversas atividades e as mesmas eram realizadas, com o intuito de fornecer conhecimentos às crianças. Isto é, auxiliavam as crianças a aprender por si próprias, ao permitirem a realização dessas atividades, fazendo com que elas apreendessem os conceitos mais importantes e essenciais.

O projeto de final do ano, inicialmente, era para ser o “*Bailado da Bela Adormecida*”, em que todas as crianças das três salas da instituição participavam, contudo, o interesse por esse projeto não parecia surgir por parte das crianças e as educadoras questionaram-nas quanto ao que realmente gostavam de apresentar aos pais nessa festa. Em cada sala surgiram ideias diferentes e o meu grupo dividiu-se, no que diz respeito às ideias. Algumas crianças executaram mesmo o “*Bailado da Bela Adormecida*”, juntamente com as crianças da sala 1, enquanto as outras preferiram apresentar a “*Marcha Turca*”. Aqui pode verificar-se que as crianças são sujeitos ativos no processo educativo, pois têm a possibilidade de decidir o que querem fazer e realizam-no da melhor forma que conseguem. Contudo, o mais importante a referir é que são as crianças que constroem os elementos necessários para que cada projeto se possa desenvolver.

O projeto do “*Bailado da Bela Adormecida*” consistia em construir cenários, confeccionar roupas, adereços e acessórios indispensáveis à realização do mesmo. Como o projeto iria ser apresentado por crianças de duas salas distintas, eram muitas as vezes em que os dois grupos se reuniam para construírem e confeccionarem todos os elementos necessários e discutirem ideias, com o objetivo de chegarem a um consenso.

O projeto da “*Marcha Turca*” consistia em tocarem essa música, com os instrumentos musicais indicados na pauta. As crianças tinham de

reconhecer e identificar o seu instrumento na pauta e tocar de acordo com o que estava delineado na mesma. Para se parecerem com uma banda, construíram-se adereços que os identificassem como tal, ideia essa que surgiu de mim. Foram então construídos chapéus e crachás para a banda.

Como já referi anteriormente, este estágio esteve dividido em três fases. Assim passarei a refletir acerca do estágio, tendo em consideração cada fase.

A primeira fase foi, essencialmente, para conhecer a instituição, os grupos, as educadoras, as auxiliares, bem como o espaço e as salas.

Ao longo desta fase, fui tomando notas das várias rotinas do grupo, tentando perceber sempre se as mesmas se adequavam às necessidades do grupo, sabendo que se tratava de um grupo heterogéneo.

Por ser um grupo heterogéneo, este manifestava diversos níveis de aprendizagem, no entanto existiam crianças mais novas que se destacavam em relação às mais velhas.

Nesta fase também apurei que a metodologia usada neste estabelecimento é muito diferente das que já observei no decorrer da minha Licenciatura em Educação Básica.

Esta baseava-se preferencialmente nos interesses e desejos das crianças, havendo sempre muitos projetos a desenvolver. No entanto, não eram só realizados projetos em grupo, as crianças tinham, a total liberdade de fazerem projetos individuais, se assim o entendessem.

A segunda fase serviu essencialmente para analisar o modo como a Educadora trabalhava e organizava o seu trabalho, em função das crianças e dos seus interesses.

Inicialmente, não foi fácil adaptar-me a este tipo de metodologia, pois nunca tinha tido contacto com uma metodologia mais direcionada para os interesses e desejos das crianças e como tal, estava sempre a dar a

minha humilde opinião relativamente a um ou outro trabalho que se iria realizar. No entanto, com o tempo fui superando essas intervenções inadequadas. Com isto não quero dizer que não possamos dar ideias e transmiti-las ao grupo, a questão era que eu, quando as dava, pensava no sentido de as poder concretizar sempre e não como uma possível concretização da parte das crianças.

Ao longo do tempo fui-me moldando, tendo em consideração esta metodologia, não só porque tinha de ser, para poder estar em uníssono com a educadora e o seu trabalho, mas também porque comecei a perceber que era a melhor atuação que se deve ter perante as crianças. O pensamento e as crenças dos educadores têm de mudar, têm que evoluir e perceber que as crianças sabem pensar por elas próprias e às vezes são esses pensamentos que nos surpreendem mais do que os nossos próprios pensamentos. É preciso ter em atenção as crianças, escutá-las, percebê-las e saber o que sentem em relação a tudo.

Nesta fase, a qual propunha que se fizessem atividades pontuais, eu planifiquei duas atividades, uma para cada dia, da mesma semana.

Inicialmente, entrei em pânico, pois não sabia como poderia vir a fazer a minha planificação, contudo, consegui superar. A educadora sempre se mostrou disponível para me ajudar e nesta altura, ajudou mais que nunca, bem como a minha supervisora. Tenho noção de que posso, por vezes, ter sido impertinente com tantas questões, mas era a primeira vez, de sempre, que ia intervir e ainda por cima estava sozinha, não tendo ninguém para me apoiar. No entanto, as atividades correram como o previsto, isto é, mais ou menos como o previsto. Mas nada que não se tenha resolvido. Até porque as planificações devem ter o caráter da flexibilidade e poder ser alteradas tendo em conta as diversas circunstâncias. Na primeira atividade, a qual se relacionava com os frutos

e legumes, só não fiz tudo o que tinha programado, porque as crianças ao degustarem os alimentos, não se limitaram a tal, comeram literalmente e portanto, sem alimentos não poderia haver saladas. Assim sendo, as saladas não foram feitas. Relativamente à atividade das sementes, o facto de as crianças terem conversado muito após a projeção da história, acerca das atividades que tinham feito em anos transatos, alterou o tempo da atividade. Contudo, não considero que tenha sido mau, pois é sempre bom e importante saber quais foram as aprendizagens que eles fizeram nesses anos, para perceber se aquela atividade está adequada para eles, ou se é uma mera repetição do que já haviam feito.

Conseguí verificar que, no geral, a educadora não necessita de falar alto ou gritar, ou até mesmo punir as crianças, quando estas agiram mal, utiliza apenas estratégias para que elas não se sintam mal. Quando estas fazem progressos, por mais pequenos que sejam, a educadora elogia-as das mais diversas formas, tornando-as especiais naquele momento.

Ao longo desta fase fui-me apercebendo de alguns truques que a educadora utiliza em algumas situações. O grupo em si, no geral, fala muito alto e como tal, por vezes, a educadora fala baixinho, chegando a sussurrar, para os obrigar a falar baixo para a conseguirem ouvir. Eu experimentei esta técnica no estágio, nos momentos que achei necessários, contudo é uma técnica falível, ou seja, existem momentos em que isso funciona e outros em que o mesmo não acontece. Num momento em que experimentei usar esta técnica, a mesma resultou, contudo, noutra momento, isso já não sucedeu. Mas mesmo assim, considero uma técnica boa e aplicável em diversas idades.

A terceira e última fase consistiu na entrada no ativo, isto é, foi nesta fase que tive o grupo nas minhas mãos e estive a trabalhar com ele diretamente, ao nível pedagógico e didático.

Nesta altura já sabia muito bem as rotinas, bem como o modo de trabalho da educadora, para assim poder estruturar os dias das crianças, de acordo com a metodologia adotada pela instituição.

As crianças já me respeitavam como adulta desde a fase anterior e isso ajudou imenso no desenvolver do meu trabalho nestas últimas semanas.

Ao longo desta fase não tive a oportunidade de propôr muitas atividades para as crianças desenvolverem, visto que no fim da segunda semana era a festa de final de ano e portanto, até lá tinha de seguir a ordem de trabalhos da educadora, no sentido, em que tinha de continuar os projetos que eles iniciaram com ela.

Foi apenas na última semana que tive a oportunidade de ser mais autêntica no que respeita às atividades, pois não havendo mais nada a terminar, podia desenvolver com eles as atividades que pretendia. No entanto, como eram apenas dois dias também não podia fazer muitas atividades. Decidi então conceber presentes para a educadora e para a auxiliar que esteve connosco nesse mês. E as crianças adoraram fazer estes pequenos projetos. Para a auxiliar, através de uma camisola de alças, fez-se uma mala e o grupo decorou-a a gosto, com materiais reciclados. Para a educadora, foram vários os presentes que o grupo realizou. Um deles foi ideia minha, pois a educadora esquecia-se constantemente da sua garrafa de água em casa ou no carro e então, perguntei ao grupo se gostavam de lhe dar um porta-garrafas. Eles acharam a ideia engraçada e conceberam-na comigo. Outro dos presentes foi uma mala, a qual foi concebida através de umas calças de ganga velhas e decoradas com materiais reciclados também, de acordo com o gosto de cada criança. O último presente foi uma moldura com uma montagem fotográfica, feita com uma fotografia de cada criança e outra

da educadora, a figura central. Todos os presentes deram um enorme prazer fazer, tanto a mim como às crianças, pois estavam concentradas a realizá-los.

É claro que gostava de ter feito muito mais, mas penso que é um sentimento que nos assalta a todos, contudo fiz o que consegui, na medida que me foi permitido. A altura do estágio se calhar também não ajudou, mas penso que já foi uma mais-valia para mim ter conseguido fazer algumas atividades com as crianças, mesmo que poucas.

Na minha opinião, a educadora dava a possibilidade de o grupo aprender diversos conceitos, através de atividades diárias simples. O registo de presenças e faltas do grupo, fazendo-os verificar quem falta e quem está presente na sala de atividades, é um exemplo disso, pois *“pode contribuir para aprendizagens matemáticas, para a construção da noção do tempo e facilitar a identificação de palavras, ligando-se também ao reconhecimento da escrita”* (OCEPE, 1997).

Para finalizar, deixo aqui uma frase que, para mim, reflete o trabalho realizado neste estágio de EPE: *“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”* (Paulo Freire, 1996).

4.2. Reflexão do Estágio no Ensino do 1.º CEB

Para mim, intervir no 1.º CEB não foi novidade, mas estar responsável por uma turma do 1.º ano de escolaridade sim. Na Licenciatura, quando as unidades curriculares de Observação e Intervenção Educativa se destinavam simplesmente à observação de contextos educativos, tive a oportunidade de observar a rotina de uma turma do 1.º ano, contudo só intervimos no dia Mundial da Criança, em que o meu grupo realizou uma atividade prática com esses alunos. Ainda na

Licenciatura, tive a oportunidade de estar responsável por uma turma do 3.º ano, com quem desenvolvi diversas atividades e consegui lecionar determinados conteúdos. No entanto, uma turma do 1.º ano requer muito mais trabalho de casa da nossa parte e por isso é que queria muito intervir numa turma deste ano de escolaridade.

Este estágio esteve dividido em duas fases, a fase da observação e a fase de intervenção. Na primeira fase estivemos atentas, principalmente, ao ambiente educativo (turma, espaço e tempo) e à metodologia adotada pela professora cooperante, para podermos estar aptas para iniciar a segunda fase, a intervenção. A observação é muito importante, pois é, através dela, que começamos a conhecer melhor a turma, os alunos individualmente, a professora, a metodologia e todas as rotinas diárias da turma, entre outros aspetos importantes. A segunda fase, a qual se destinava à intervenção, foi organizada pelo grupo de trabalho, o qual dividiu esta fase em duas etapas. Na primeira etapa, o dia estava repartido pelas três e assim sendo, cada uma das estagiárias estava responsável pela turma durante uma terça parte do dia. Já na segunda etapa, decidimos não repartir mais o dia, mas sim ser responsável pela turma durante todo o dia. Pensámos que seria uma boa ideia, para nos começarmos a habituar, pois um dia, quando tivermos a nossa própria turma, não estará lá ninguém com quem possamos repartir o dia, estaremos sozinhas a lecionar.

Quanto ao estágio em si, posso dizer que me fez crescer imenso, tanto pessoalmente como profissionalmente, tendo sido a professora cooperante uma mais-valia neste meu percurso. Além de esta ser a professora cooperante, foi uma amiga que me auxiliou imenso durante o estágio, com quem eu podia contar sempre que necessitasse. A mesma sempre foi recetiva às ideias e atividades propostas pelo grupo, deixando-

nos trabalhar como mais gostávamos e ao nosso ritmo. Claro que a professora sempre deu a sua opinião quanto aos conteúdos e à forma como estes poderiam ser abordados com a turma, bem como em relação à nossa atuação. Penso que as críticas construtivas que a professora nos fazia, me fizeram melhorar, e muito, o meu empenho e profissionalismo ao longo das semanas.

Quanto ao trabalho realizado em grupo, posso afirmar que nem sempre foi o mais fácil, pois existiram alguns conflitos com um dos elementos, o que dificultou, em várias semanas de estágio, o desenvolvimento cordial das atividades. Na minha opinião, temos de refletir muito acerca deste estágio e de todo o percurso efetuado, pois há situações que podiam ter sido evitadas e/ou realizadas de outra forma.

Relativamente à minha atuação, estou muito contente e orgulhosa do que consegui concretizar com aquela turma, pois, apesar de já ter estagiado em 1.º CEB, o começo de um estágio é sempre algo que acontece com muita ansiedade e nervosismo. A única situação de remarque que tenho para partilhar é que gostava de ter efetuado mais atividades práticas, porque, sinceramente, fui a que menos atividades desse carácter realizei com a turma, apesar de ter construído muitos dos materiais para essas atividades.

Para finalizar, acredito que foi um dos estágios que mais me fez crescer como futura professora, pois, além de me sentir mais madura que em anos anteriores, aprendi imenso com o grupo de trabalho (o qual inclui colegas estagiárias, professora cooperante e turma). Como tal, este estágio vai deixar muitas saudades, principalmente pelas pessoas com quem tive o prazer de trabalhar, ajudando-me a crescer profissionalmente. São estes momentos que me fazem pensar que vale a

pena seguir os nossos sonhos, porque não existe nada melhor no mundo
que as crianças.

CONCLUSÃO

O estágio é uma etapa importante na vida académica de cada estudante, não só por ser o primeiro contato com a atividade profissional que pretendemos exercer, como também é o culminar do curso superior. Durante os vários anos do curso, tive a possibilidade de adquirir e construir um grande número de conhecimentos teóricos e até mesmo alguns conceitos fundamentais. Após a execução dos estágios práticos e avaliando os fundamentos teóricos transmitidos nas aulas, ao longo do curso, tanto da Licenciatura em Educação Básica, como agora no Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB, posso concluir que esta aprendizagem teórica foi fundamental para o bom desempenho na prática. Contudo, a realidade do JI em que estagiei era um pouco diferente daquelas a que me fui habituando a observar e nem todos os conceitos teóricos que aprendi foram aplicados na prática. Também na escola do 1.º CEB onde estagiei foi complicado conciliar os conhecimentos académicos transmitidos nas aulas com a metodologia adotada pela professora.

Ao longo dos estágios, tive a oportunidade de observar e refletir sobre as práticas das instituições onde estagiei, assim como sobre as atividades/aulas desenvolvidas/lecionadas pelas Educadora e Professora Cooperantes e também as que foram desenvolvidas/lecionadas por mim.

O meu percurso do estágio em EPE, o qual teve a durabilidade de três meses, foi muito gratificante, na medida em que verifiquei que é realmente isto que quero fazer ao longo da minha vida e também porque aprendi bastante. Não só com as crianças, não só com a educadora, mas também com a metodologia adotada pelo JI. Também foi gratificante pelo facto de ter estagiado sozinha. No início foi complicado, porque era a primeira vez que ia intervir na EPE e ainda por cima ia estar sozinha e só pensava que precisava de uma colega para me apoiar num ou noutro

momento, mas depois percebi que não era necessário e consegui “*dar a volta por cima*”, como é hábito dizer-se.

A Educadora Cooperante foi um alicerce muito importante nesta minha etapa da vida académica, pois estava a descobrir uma metodologia nova e tinha de a conhecer bem, para posteriormente intervir da melhor forma, tendo em consideração essa metodologia. A mesma mostrou-se sempre muito disponível para mim, para as minhas dúvidas e para me apoiar num ou noutro momento em que as crianças ainda não me viam como autoridade. Também me ajudou a refletir acerca das atividades desenvolvidas, tanto por ela, como por mim e também acerca dos vários projetos que se foram desenvolvendo ao longo do estágio, de uma forma mais positiva e coerente, pensando sempre na intencionalidade e continuidade educativa.

Este foi, sem dúvida, o melhor estágio em EPE que já tive, não só por ter vindo a intervir, mas também pelo tipo de metodologia utilizada nesta instituição. Era algo novo para mim, desconhecia totalmente esta metodologia, no entanto, à medida que ia aprofundando os meus conhecimentos acerca da mesma, mais eu me interessava e gostava dela. Tenho a certeza absoluta que temos de escutar as crianças, ouvi-las com “*ouvidos de ouvir*”, sentir as suas dificuldades e perceber os seus interesses e desejos, só assim a aprendizagem será mais rica e profunda, do ponto de vista da criança. Penso que o fato de as crianças fazerem o que querem e desejam é uma mais-valia para elas e também para a educadora, porque, apesar de parecer uma confusão por um estar a fazer um projeto individual e outro a fazer um totalmente diferente, é assim que as crianças aprendem mais, pois estão a fazer tudo de acordo com os seus interesses e conseguimos ver na mesma a evolução das crianças. Este último ponto que referi era uma preocupação para mim, no início,

pois estando as crianças a fazerem coisas tão distintas, como poderíamos perceber se elas estavam a evoluir ou não?! Cheguei à conclusão que é possível, até porque assim não existem aquelas comparações estereotipadas que existem noutras instituições onde todas as crianças fazem o mesmo. Isto porque, à medida que as crianças vão desenvolvendo as suas atividades conseguimos verificar o seu nível de bem-estar e implicação e estando elas felizes ao fazerem uma atividade que é delas e que está à maneira delas, isso é que importa.

Aprendi bastante com este estágio em EPE, mas o mais importante para mim está relacionado com a metodologia e as próprias crianças. Eu já não me vejo a trabalhar de outra forma, senão de acordo com os interesses das crianças. Acredito seriamente, que esta é a melhor metodologia que pode existir, no que respeita ao trabalho com crianças, ou pelo menos uma das melhores. Quero acreditar que num futuro próximo, os educadores conseguem trabalhar todos, respeitando os interesses e desejos das crianças, só assim o mundo vai melhorar e verificarão que as aprendizagens são muito mais significativas realizadas desta forma, do que com as fichas que tanto utilizam.

O meu estágio no 1.º CEB efetuou-se durante quatro meses e para o mesmo eu fui mais relaxada, pois já tinha lecionado conteúdos a uma turma do 1.º CEB e por isso estava mais à vontade. No entanto, existia sempre aquela ansiedade e aquele nervosismo antes das aulas.

Como em todos os estágios, houve um período de observação, com o intuito de conhecer a turma, os alunos, a metodologia adotada pela professora e o meio envolvente. Este período de observação inicial foi o primeiro contacto com a realidade educativa. Esta observação possibilitou-me caraterizar o contexto educativo, as metodologias adotadas, os diferentes sujeitos a educar, identificar as diferentes

componentes que interferem no processo de ensino-aprendizagem e ainda perceber a escola como um sistema aberto à realidade do meio envolvente. Esta é muito importante, pois, tendo estes conhecimentos previamente, consigo atuar da melhor forma e foi uma grande ajuda na transição para a etapa seguinte (intervenção). Apesar de todos os receios iniciais, esta ocorreu sem grandes sobressaltos e começámos a fazer parte da vida escolar da turma de uma forma pacífica.

Gostei muito deste estágio também, pois estive a dar aulas a uma turma do 1.º ano, algo que me fascinava, pois sempre quis estagiar com uma turma deste ano de escolaridade. Isto, porque é o início da escola e é nesse ano que se aprendem as bases para os restantes anos de ensino e isso fascinava-me imenso. Por isso, fiquei extremamente contente quando soube que ia estagiar com esta turma.

A professora cooperante foi uma mais-valia e esteve sempre acessível, quando precisava de auxílio ou de colocar dúvidas, com o intuito de saber mais e melhor, ela mostrava-se sempre pronta a ajudar. Foi também ela um alicerce indispensável à minha aprendizagem e à construção dos meus conhecimentos. A predisposição da professora em aceitar as nossas ideias e dando-nos total liberdade na elaboração e execução dos nossos trabalhos, ajudou a equilibrar as diferentes ideologias (as dela e as nossas). A turma foi sempre recetiva e aceitou as nossas propostas com entusiasmo e interesse. Assim, posso afirmar que aprendi bastante com esta professora (e turma) e levo todos os conceitos apreendidos comigo para os integrar na minha vida futura como professora.

Posso concluir que, para o bom desempenho destas profissões (Educadora e Professora), é obviamente indispensável não só gostar de crianças, mas também aprender a trabalhar com elas, compreendê-las e

desfrutar os vários divertimentos e fantasias que lhes são caraterísticos. É necessária, evidentemente, uma vocação pedagógica, bem como a capacidade de saber estar com muita atenção e disponibilidade para cada uma das crianças e, simultaneamente, com o grupo no seu conjunto. Neste sentido, é necessário que profissionais da educação sejam atentos e capazes de compreender as particularidades de cada criança. Ter imaginação, sentido de humor e espírito alegre incluem-se também nas caraterísticas da personalidade dos mesmos, pois podem constituir uma excelente mais-valia para um correto desenvolvimento da carreira. Esta é uma profissão considerada compensadora por quem a exerce, mas também desgastante dada a atenção que as crianças exigem.

A profissão de professor é, portanto, complexa, pois implica a execução de funções simultaneamente educativas e formativas: não só é necessário que se promova a aprendizagem de conhecimentos e conteúdos programáticos, mas também que se contribua para a sua formação pessoal e social, de modo a que cada aluno descubra os seus próprios interesses e aptidões e desenvolva as suas capacidades de raciocínio, memória, pensamento crítico e criatividade.

Para terminar, agradeço às professoras da Unidade Curricular de Prática Educativa I (E.I.), por me terem dado esta oportunidade e por terem insistido tanto na ida para aquele JI, foi sem dúvida a melhor escolha que podia ter feito, e também por me acompanharem ao longo do processo, principalmente a professora supervisora. Agradeço também ao professor da Unidade Curricular de Prática Educativa II (1.º CEB) por todo o apoio e carinho dado no decorrer da conceção deste relatório e pela sua disponibilidade.

Por fim, mas não em último lugar, tenho de agradecer tanto às crianças do JI e aos seus pais por me terem acolhido de uma forma tão

carinhosa e afetuosa ao longo do estágio em EPE, como aos alunos do 1.º ano por todo o carinho que me deram. Claro que sem estas maravilhosas crianças, tudo seria diferente. Levo-as comigo no coração, para a vida. Serão para sempre as “*minhas crianças*”, os meus “*bugalhitos*” (crianças do JI).

BIBLIOGRAFIA

http://pt.wikiquote.org/wiki/John_Dewey, acedido a 10 de setembro de 2011

http://pensador.uol.com.br/frases_sobre_educacao/, acedido a 10 de setembro de 2011

http://pensador.uol.com.br/frases_dia_das_crianças/, acedido a 10 de setembro de 2011

<Http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/escolas/projectos.php?idTipoProyecto=16#>, acedido a 22 de setembro de 2011

<http://www.portoeditora.pt/acordo-ortografico/conversor-texto/>, acedido a 12 de abril de 2012

<http://sitio.dgidc.min-edu.pt/basico/Paginas/default.aspx>, acedido a 15 de Abril de 2012

<http://www.fenprof.pt/?aba=27&mid=115&cat=106&doc=2168>, acedido a 17 de abril de 2012

Abrantes, P., Vasconcelos, T. (2000). *A Educação Pré-Escolar e os Cuidados para a Infância em Portugal*. Lisboa: Ministério da Educação.

Silva, M., Núcleo de Educação Pré-Escolar. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

Hohmann, M.; Weikart, D. P. (2009). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Oliveira-Formosinho, J., Kishimoto, T., Pinazza, M. (2007). *Pedagogia(s) da Infância: Dialogando com o passado Construindo o futuro*. Porto Alegre: Artmed.

Ministério da Educação (1998). *Qualidade e Projecto na Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Departamento da Educação Básica, Núcleo de Educação Pré-Escolar.

Decreto-lei n.º 241/2001, de 30 de agosto de 2001, Diário da República n.º 201 – I Série – A. Ministério da Educação, Lisboa.

Despacho n.º 5220/97, de 10 de julho de 1997, Diário da República n.º 178 – II Série. Ministério da Educação, Lisboa.

Circular n.º 17/2007, de 10 de outubro de 2007. Ministério da Educação, Lisboa.

Circular n.º 4/2011, de 11 de abril de 2011. Ministério da Educação, Lisboa.

A Convenção sobre os Direitos das Crianças, 1989. Assembleia Geral nas Nações Unidas (ratificada por Portugal em 1990).

ANEXOS

ANEXO I

Contextualização da Atividade: Neste momento, está a ser desenvolvido um projeto no Jardim de Infância, o qual está relacionado com uma história, “A Maior Flor do Mundo”, de José Saramago. Na exploração didática estão definidos vários passos para trabalhar esta história e foi-me proposto pela Educadora desenvolver este com o grupo, na sala de atividades.

Projeto	Atividades	Estratégias	Áreas de Conteúdo Envolvidas	Objetivos de Aprendizagem	Recursos
“A Maior Flor do Mundo”	- A Estagiária coloca os alimentos na mesa de trabalho e pede às crianças para fazerem a divisão entre os frutos e os legumes, conforme as conceções delas. - As crianças, em grupos de dois, exploram os alimentos por si escolhidos. - O par apresenta aos restantes colegas, as conclusões a que conseguiu chegar. - Procede-se a uma nova divisão dos	Diálogo com as crianças acerca da atividade que se vai desenvolver. A Estagiária questiona as crianças acerca do porquê daquela divisão. Cada grupo tem uma faca para poder cortar o alimento, de forma a caracterizá-lo melhor e observar melhor as suas características.	Conhecimento do Mundo – Seres Vivos.	- Distinguir fruto de legume; - Reconhecer que os frutos podem ser utilizados, no dia a dia, como frutas ou legumes.	<u>Materiais:</u> - Frutos; - Legumes; - Facas; - Lápis de carvão; - Borracha; - Lápis de Cor. <u>Humanos:</u> - Educadora; - Auxiliar; - Estagiária.

	alimentos, de acordo com um critério, neste caso a existência ou não de sementes. - Conclui-se que os frutos têm sementes e os legumes não e também que existem frutos que se utilizam no dia a dia como legumes. - Registo das características dos alimentos trabalhados. - Confeção de duas saladas: uma de frutas e outra de legumes.	Aproveitamento dos alimentos cortados.			
<u>Possíveis perguntas para o diálogo com as crianças:</u> - Para termos uma alimentação saudável, o que temos de fazer? - Quais são os alimentos que devemos comer? - Que frutos e legumes vocês conhecem?					

ANEXO II

Contextualização da Atividade: Neste momento, está a ser desenvolvido um projeto no Jardim de Infância, o qual está relacionado com uma história, “A Maior Flor do Mundo”, de José Saramago. Na exploração didática estão definidos vários passos para trabalhar esta história e foi-me proposto pela Educadora desenvolver este com o grupo, na sala de atividades.

Projeto	Atividades	Estratégias	Áreas de Conteúdo Envolvidas	Objetivos de Aprendizagem	Recursos
“A Maior Flor do Mundo”	- A Estagiária coloca as sementes na mesa e pede às crianças para as dividirem, segundo critérios por elas definidos. - As crianças escolhem no máximo duas sementes para semearem, estas podem ser iguais ou diferentes. - As crianças têm a liberdade de escolherem se querem colocar terra ou papel de	Visualização da história “O Nabo Gigante”, através da projeção. Diálogo com as crianças acerca da história e da atividade que se vai desenvolver. A Estagiária questiona as crianças relativamente à divisão que fizeram e pede que expliquem quais os critérios que utilizaram. À medida que se desenvolve a atividade, a Estagiária vai fazendo questões às crianças.	Conhecimento do Mundo – Seres Vivos.	- Prever, experimentar, observar e comparar o processo de germinação de sementes e o crescimento de plantas.	<u>Materiais:</u> - Copos individuais; - Tabuleiro; - Sementes; - Água; - Terra; - Papel de cozinha; - Lápis de carvão; - Borracha; - Lápis de cor e/ou marcadores. <u>Humanos:</u> - Educadora; - Auxiliar; - Estagiária.

	cozinha no copo, podendo optar por um copo com papel e outro com terra. - Individualmente, colocam as sementes entre o papel e o seu copo, ou no meio da terra, e borrifam com um pouco de água. - De seguida, coloca-se terra num tabuleiro e as crianças, em conjunto, escolhem quais as sementes que pretendem ali semear e regam a terra. - Registo através de uma tabela das sementeiras individuais e da sementeira do grupo.				
--	---	--	--	--	--

Possíveis perguntas para o diálogo com as crianças:

- Que tipo de alimentos podemos semear?
- Querem semear?
- Achavam engraçado poderem semear?

Possíveis perguntas para o desenvolver da atividade com as crianças:

- Acham que conseguimos fazer com que estas sementes cresçam aqui na sala?
- O tamanho da semente vai interferir no tamanho da planta? Ou seja, acham que a planta vai ser grande por a semente ser grande ou pequena por a semente ser pequena?
- Vocês acham que as plantas vão germinar todas ao mesmo tempo? Isto é, acham que vão iniciar o seu crescimento ao mesmo tempo?
- As sementes vão originar plantas iguais?

ANEXO III

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º C.E.B. – 2.º Ano

Coimbra 2011/2012

Prática Educativa II

Plano de Intervenção Educativa

Escola Básica do 1.º Ciclo da Carapinheira

1.º Ano de Escolaridade

Semana de 12 a 16 de Dezembro

Professor Supervisor: *Philippe Loff*

Professora Cooperante: *Dina Santos*

Grupo de Estágio: *Andreia Sousa
Catarina Oliveira
Daniela B. Dias*





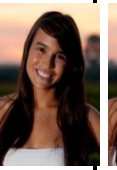
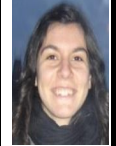
**"O importante da educação
não é apenas formar um
mercado de trabalho,
mas formar uma nação,
com gente capaz de pensar."**

(José Arthur Giannotti)

Índice

Mapa de Intervenção Semanal	4
Planificação das Sessões	5
Objectivos/Competências	5
Áreas Curriculares / Domínios / Conteúdos	7
Sessão do dia 12 de Dezembro	9
<u>Recursos</u>	9
<u>Estratégias/Actividades</u>	9
Sessão do dia 13 de Dezembro	11
<u>Recursos</u>	11
<u>Estratégias/Actividades</u>	11
Sessão do dia 14 de Dezembro	13
<u>Recursos</u>	13
<u>Estratégias/Actividades</u>	13
Sessão do dia 16 de Dezembro	14
<u>Recursos</u>	14
<u>Estratégias/Actividades</u>	14
Avaliação	15
Bibliografia / Webgrafia	16
Anexos/Registos	17

Mapa de Intervenção Semanal

	Dia 12 de Dezembro			Dia 13 de Dezembro			Dia 14 de Dezembro			Dia 16 de Dezembro
	09h00 min - 10h30 min	11h00 min - 12h00 min	13h30 min - 15h30 min	09h00 min - 10h30 min	11h00 min - 12h00 min	13h30 min - 15h30 min	09h00 min - 10h30 min	11h00 min - 12h00 min	13h30 min - 15h30 min	09h00min - 12h00min
Andrea Sousa				Auxílio	Auxílio					
Catarina Oliveira	Auxílio	Auxílio								
Daniela B. Dias	Auxílio	Auxílio		Auxílio	Auxílio					

Prática Educativa II – Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º C.E.B. / Intervenção dos dias 12, 13, 14 e 16 de Dezembro de 2011

Nota 1: A planificação das aulas de segunda, terça e quarta-feira, assim como a elaboração de materiais e a implementação das mesmas, são da responsabilidade das professoras estagiárias, com a supervisão e orientação da professora cooperante.

Nota 2: Durante os dias de estágio, poderão existir momentos em que as áreas de Expressões, Estudo Acompanhado e Formação Cívica aparecerão interligadas com as áreas curriculares leccionadas.

Planificação das Sessões

Objectivos/Competências

Língua Portuguesa

O aluno deve ser capaz de:

- Prestar atenção ao que ouve, de modo a apropriar-se de padrões de entoação e ritmo;
- Apropriar-se de novos vocábulos;
- Associar palavras ao seu significado;
- Articular correctamente palavras;
- Ler, respeitando a direcionalidade da linguagem escrita;
- Reconhecer que a mesma letra pode ter diferentes representações gráficas;
- Perceber que a escrita é uma representação da língua oral;
- Respeitar a direcionalidade da escrita;
- Usar adequadamente os instrumentos de escrita;
- Utilizar a linha de base como suporte de escrita.

Matemática

O aluno deve ser capaz de:

- Representar e quantificar os números de 0 a 7;
- Compreender a adição, no sentido de acrescentar;
- Compreender a diferença, no sentido de retirar;
- Compor e decompor números.

Expressão Plástica

O aluno deve ser capaz de:

- Explorar as possibilidades de diferentes materiais;
- Fazer dobragens;
- Pintar livremente em suportes neutros;

- Explorar as possibilidades técnicas de: mão, esponjas, trinchas, pincéis, rolos, com pigmentos naturais, guache, aguarela, anilinas, tintas de água, etc;
- Ilustrar de forma pessoal.

Expressão Musical

O aluno deve ser capaz de:

- Cantar canções e reproduzir pequenas melodias;
- Experimentar percussão corporal, batimentos, palmas;
- Acompanhar canções com gestos e percussão corporal;
- Associar movimentos a: pulsação, andamento, dinâmica acentuação, divisão binária/ternária, dinâmica.

Área Curricular: **Língua Portuguesa.**

Domínios

Comunicação do Oral;
Expressão Oral;
Leitura;
Escrita;
Conhecimento Explícito da Língua.

Conteúdos

Entoação e ritmo;
Texto oral e texto escrito;
Vocabulário;
Vogais (i, u, o, a, e);
Consoantes (p, t, l, d, m, v)
Leitura de palavras: via directa e indirecta;
Maiúsculas e minúscula;
Manuscrito e de Imprensa;
Descrição de imagens;
Direccionalidade da escrita;
Fronteira de palavra.

Área Curricular: **Matemática.**

Domínios

Organização e Tratamento de Dados;
Números e Operações.

Conteúdos

Representação e interpretação de dados;
Números naturais.

Área Curricular: **Expressão Plástica.**

Conteúdos

Recorte;

Colagem;

Dobragem;

Pintura expressão livre.

Área Curricular: **Expressão Musical.**

Conteúdos

Jogos de exploração.

Sessão do dia 12 de Dezembro

Recursos

Materiais:

- Alfa Calendário;
- Quadro de ardósia;
- Giz;
- Manual de Matemática;
- Caixas de ovos;
- Tintas;
- Pincéis;
- Cartolina;
- Planificação dos sólidos geométricos;
- Lápis de cor;
- Lã;
- CD da música para a festa de Natal;
- Rádio leitor de CD's;
- Tesoura;
- Rolo do papel higiénico;
- Bolas de pingue-pongue/esferovite;
- Moldes de desenhos natalícios.

Estratégias / Actividades

- Saudação com a canção do “Bom Dia”;
- Actualização do Alfa Calendário;
- Alteração da data no quadro de ardósia;
- Introdução de um novo tema matemático “Figuras no plano e sólidos geométricos”, referente ao conteúdo da Geometria e Medida, recorrendo ao manual (págs. 73, 74, 75 e 76) **(Anexo I)**;

- Construção de uma árvore de Natal, recorrendo a materiais de desperdício (caixas de ovos)¹;
- Audição da música de Natal, previamente seleccionada pela turma, a qual será dinamizada por nós (professoras estagiárias) para a festa de Natal (**Anexo II**);
- Realização de uma actividade prática, a qual consiste na impressão das palmas das mãos das crianças numa cartolina e posterior recorte, com o intuito de construir uma bandolete para as crianças levarem no dia da festa de Natal. A bandolete é uma imitação das hastes das renas, visto a música estar relacionada com a Rena Rodolfo;
- Construção de enfeites para a árvore de Natal, utilizando os sólidos geométricos. Estes sólidos serão elaborados pelos alunos, partindo de uma planificação dos mesmos;
- Despedida com a canção do “Adeus”.

¹ É de notar que, para além das actividades de Natal realizadas neste dia, cada uma de nós elaborou, para decoração da sala, um enfeite de natal: Pai Natal, Boneco de Neve e renas com o trenó do Pai Natal.

Sessão do dia 13 de Dezembro

Recursos

Materiais:

- Alfa Calendário;
- Quadro de ardósia;
- Giz;
- Cartaz da “árvore de Natal” e respectivos enfeites;
- Manual de Matemática;
- Micas transparentes;
- Cola líquida;
- Moldes de desenhos natalícios;
- Purpurinas;
- Bolachas;
- Geleia/doce;
- Rolhas de cortiça;
- Caneta de acetato;
- Feltro de várias cores;
- Amendoim;
- Palhinhas/Ráfia/Feno;
- Cartolinas;
- Cola batom;
- Tesoura;
- Botões;
- CD da música para a festa de Natal;
- Rádio leitor de CD's.

Estratégias / Actividades

- Saudação com a canção do “Bom Dia”;

- Actualização do Alfa Calendário;

- Alteração da data no quadro de ardósia;

- Introdução do número 7, recorrendo a um exercício prático de decomposição dos números adquiridos. Este exercício consiste em procurar as operações presentes em “bolas” e “fitas” que tenham como resultado o número presente no centro da “árvore de Natal”. Os materiais utilizados neste exercício são previamente construídos pelas professoras estagiárias. Posteriormente, o cartaz ficará afixado na sala de aula, para consultarem futuramente. É de notar que esta actividade é a continuidade de uma anterior (“flores”), contudo, visto ser época natalícia, optámos por fazer uma “árvore de Natal” em vez da “flor”;

- Como forma de consolidação, recorre-se ao manual escolar de Matemática (págs. 84 e 85) (**Anexo III**) e a materiais didácticos – ábaco e elementos da colecção do professor, nomeadamente o cartão pertencente ao número 7 – enquanto ouvem a música referente a esse mesmo número (**Anexo IV**);

- Continuação dos ensaios da música para a festa de Natal;

- Para a realização das actividades no período da tarde, a turma é dividida em quatro grupos (três grupos de cinco elementos e um grupo de quatro elementos). Cada grupo fica encarregue de fazer uma actividade diferente, contudo existe uma rotatividade para que todos tenham a oportunidade de fazer as diferentes actividades. As actividades a ser realizadas são as seguintes: construção de um presépio de bolachas, cujos elementos são de cortiça; enfeites de Natal para as janelas; e postais de Natal;

- Despedida com a canção do “Adeus”.

Sessão do dia 14 de Dezembro

Recursos

Materiais:

- Alfa Calendário;
- Quadro de ardósia;
- Giz;
- Bandolete;
- Fita de cetim;
- Fita-cola;
- Papel de cavalinho;
- CD da música para a festa de Natal;
- Rádio leitor de CD's.

Estratégias / Actividades

- Saudação com a canção do “Bom Dia”;
- Actualização do Alfa Calendário;
- Alteração da data no quadro de ardósia;
- Continuação das actividades de grupo iniciadas no dia anterior;
- Construção da bandolete com as hastes da rena;
- Continuação dos ensaios da música para a festa de Natal;
- Realiza-se um sorteio do “Amigo Secreto”, mas com a variante de, em vez de se dar uma prenda, escreve-se uma mensagem para o amigo. Dentro de um saco colocam-se uns papelinhos com os nomes de todas as crianças e cada criança, na sua vez, retira um papelinho para saber quem é o seu amigo secreto. Após retirar o papelinho com o nome desse amigo, uma de nós (professoras estagiárias e professora cooperante) ajuda a criança a escrever uma mensagem de amizade para o respectivo amigo, tendo a possibilidade de ilustrar e nunca se esquecendo de assinar. Essas mensagens de amizade vão ser colocadas na árvore de Natal previamente realizada pela turma, como forma de enfeite da mesma. Estas serão retiradas no último dia de aulas e levadas para casa;
- Despedida com a canção do “Adeus”.

Sessão do dia 16 de Dezembro

Recursos

Materiais:

- Alfa Calendário;
- Quadro de ardósia;
- Giz;
- CD da música para a festa de Natal;
- Rádio leitor de CD's.

Estratégias / Actividades

- Saudação com a canção do “Bom Dia”;
- Actualização do Alfa Calendário;
- Alteração da data no quadro de ardósia;
- Último ensaio da música para a festa de Natal;
- Colaboração na festa de Natal, visto haver uma participação activa da nossa parte (professoras estagiárias), na construção das actividades para a mesma.²

² Para além da participação na festa de Natal, acabámos ainda por surpreender as crianças e a professora cooperante, com uma pequena lembrança, trazida pelo “Pai Natal”.

Avaliação

A avaliação é feita através dos itens indicados no quadro abaixo, no entanto, é de evidenciar que a **participação e intervenção**, a **comunicação**, a **atitude e empenho** e o **interesse** são itens de avaliação transversais a todas as áreas curriculares.

Áreas	Itens	NS	S	SB	SMB
Língua Portuguesa	Prestar atenção ao que ouve.				
	Apropriar-se de novos vocábulos.				
	Associar palavras ao seu significado.				
	Articular correctamente palavras.				
	Ler, respeitando a direccionalidade da linguagem escrita.				
	Reconhecer que a mesma letra pode ter diferentes representações gráficas.				
	Perceber que a escrita é uma representação da língua oral.				
	Respeitar a direccionalidade da escrita.				
	Usar adequadamente os instrumentos de escrita.				
	Utilizar a linha de base como suporte de escrita.				
Matemática	Representar e quantificar os números de 0 a 7.				
	Compreender a adição, no sentido de acrescentar.				
	Compreender a diferença, no sentido de retirar.				
	Compor e decompor números.				
Expressão Plástica	Explorar as possibilidades de diferentes materiais;				
	Fazer dobragens.				
	Pintar livremente em suportes neutros.				
	Ilustrar de forma pessoal.				
Expressão Musical	Cantar canções e reproduzir pequenas melodias.				
	Experimentar percussão corporal, batimentos, palmas.				
	Acompanhar canções com gestos e percussão corporal;				

Legenda:

NS – Não Satisfaz **S** – Satisfaz **SB** – Satisfaz Bem **SMB** – Satisfaz Muito Bem

Bibliografia

- ME-DEB (2001). Currículo Nacional do Ensino Básico — Competências Essenciais. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica.
- Ministério da Educação (2004). Organização Curricular e Programas Ensino Básico — 1.º Ciclo. 4.ª Edição. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- Ministério da Educação (2009). Programas de Português do Ensino Básico. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- Ministério da Educação (2008). Programa de Matemática do Ensino Básico. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- Lima, E. et al. (2011). Alfa – Língua Portuguesa 1 – 1.º Ano. 1.ª Edição. Porto: Porto Editora.
- Lima, E. et al. (2011). Alfa - Matemática 1 – 1.º Ano. 1.ª Edição. Porto: Porto Editora.
- Lima, E. et al. (2011). Alfa – Estudo do Meio 1 – 1.º Ano. 1.ª Edição. Porto: Porto Editora.
- Theulet-Luzié, B.; Barthe, V. (2006). 1001 actividades para o jardim-de-infância. Porto: Porto Editora.
- Disney Enterprises. (2007). Art Attack. Rio de Mouro: Everest Editora.
- Gomes, F.; Matos, L.; Almeida, D. (s. d.). Até ao Natal em 25 Canções – Cinco Autos de Natal. Santa Comba Dão: Edições Convite à Música.
- Cancela, M. (2003). Natal de Encantar. Lisboa: Texto Editora.

Anexos

Anexo I



Observa a conversa sobre os seguintes sólidos geométricos.



Assinala com X, para cada objeto, o modelo do sólido geométrico que se assemelha à sua forma.



Afiação
porque não

Descreve o estado do Afão Jappa e comenta os valores que a escola dos pais do duto faz com o

Data: - -

Atividade 10.1

- Observa os sólidos geométricos e descobre os que rodam e os que não rodam. Os que rodam têm superfícies curvas e os que não rodam têm só superfícies planas.



- Pinta os objetos que só têm superfícies planas de azul e os que têm superfícies curvas de vermelho.



Atividade

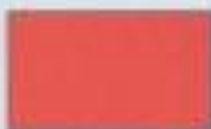
Procura objetos pessoais e da casa em que há e desenha os seguintes ao suas propriedades: objetos só com superfícies planas, objetos só com superfícies curvas e objetos com as superfícies planas e curvas.



Observa as figuras geométricas.



quadrado



retângulo



triângulo

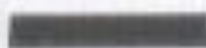


círculo

Observa o que estes meninos estão a fazer. Que figuras geométricas aparecerão desenhadas? Experimenta fazer o contorno de sólidos iguais a estes e outros.



Liga cada objeto à figura geométrica que te parece que obterias se contornasses esse objeto sobre uma folha de papel.



1



2



3



4



5



6



7



8

Assinala com X as figuras geométricas que identificas em cada modelo de sólido geométrico.

Data: ____ - ____ - ____

Observa e identifica as figuras geométricas que vês.



Regista na tabela o número de figuras utilizadas na imagem anterior, tendo em conta o tamanho, a forma e a cor das peças.



Alforasca

Realiza construções com os blocos lógicos e transforma-as em papel. Trabalho de peças. Constrói uma figura com 10 blocos lógicos e passa-a um colega que a reproduza.

A Rena do Nariz Encarnado (Rodolfo)

Prendas! Frio! Rimas! Neve!
Trenó no céu a aproximar-se!
U-lá-lá mas quem vem lá?
Que coisa estranha... O quê? Ah!...

Rodolfo era uma rena
Com um nariz encarnado,
Que brilhava no escuro
E era mesmo engraçado.

Mas todas as outras renas
Se riam daquele nariz,
E o pobre do Rodolfo
Andava muito infeliz.

Refrão:

*Mas numa noite de nevoeiro
O Pai Natal veio dizer:
- Rodolfo, tu és perfeito
P'ra nos conduzir, esta noite, a preceito!*

E assim foi naquela noite
O Rodolfo a comandar,
O trenó do Pai Natal
Com o seu nariz a brilhar.

E entregaram muitas prendas,
Ai, em todos os países,
E deixaram as crianças
Muito alegres e felizes.

E o nosso amigo Rodolfo
Não cabia de contente,
Pois conduzir o trenó
Não era para toda a gente.

Refrão

E assim foi naquela noite
O Rodolfo a comandar,
O trenó do Pai Natal
Com o seu nariz a bril



9 Ouve a leitura do texto.

Chegaram os **sete** anões;
com tal fome, todos **sete**,
que logo Branca de Neve
fez ovos com espargueto.
E **sete** pratos comeram:
1, 2, 3, 4, 5, 6, 7.

Letícia Tereza Dias dos Santos



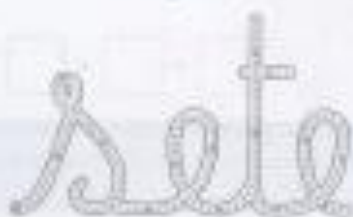
10 Observa as representações do sete.

7

sete



11 Cobre as linhas a traço de acordo com a indicação das setas.



12 Cobre e continua.



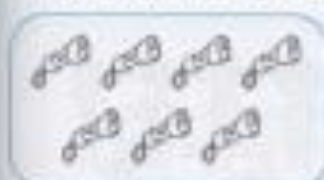
sete

sete

sete



Pinta os objetos dos conjuntos que têm **sete** elementos.



Realiza as operações e pinta a menta que cobre a cama do anão Dominhoco, de acordo com o código de cores.

1 2 3 4 5 6 7



Completa com os números de acordo com a cor das barras.



Aviso

Resolva com um colega o Jogo do 7. Foi o vencedor do jogo a criança o número de pontos que obteve. Tinha o primeiro que conseguiu a bola de sete.

Data: - -

Anexo IV



Registros



Árvore de Natal, construída com materiais de desperdício.



Cartaz referente ao número 7.



Pai Natal realizado por nós, professoras estagiárias, para posterior afixação, na porta de entrada da sala de aula. Este Pai Natal foi construído com o intuito de dar a conhecer aos pais os presentes que os seus educandos pretendem receber neste Natal. Nas suas mãos irá conter uma lista com o nome dos mesmos e os respectivos presentes.



Boneco de neve realizado por nós, professoras estagiárias, como forma de enfeite da sala de aula.



Reinas com o trenó do Pai Natal realizado por nós, professoras estagiárias, como forma de enfeite da sala de aula.



Exemplo da impressão das palmas das mãos das crianças da turma.



Enfeites, com formas geométricas, da árvore de Natal.



Presépio de bolacha, com os respectivos elementos de cortiça.



Enfeites para as janelas.



Postais de Natal.



Bandoite das hastes das renas.



Actividade do "Amigo Secreto".



Resultado final.



Festa de Natal.



Pequenas lembranças, trazidas pelo "Pai Natal".

ANEXO IV

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º C.E.B. – 2.º Ano

Coimbra 2011/2012

Prática Educativa II

Plano de Intervenção Educativa

Escola Básica do 1.º Ciclo da Carapinheira

1.º Ano de Escolaridade

Semana de 9 a 13 de Janeiro

Professor Supervisor: *Philippe Loff*

Professora Cooperante: *Dina Santos*

Grupo de Estágio: *Andreia Sousa
Catarina Oliveira
Daniela B. Dias*





**"Feliz aquele que
transfere o que sabe
e aprende o que ensina."**

(Cora Coralina)

Índice

Mapa de Intervenção Semanal	4
Planificação das Sessões	5
Objectivos/Competências	5
Áreas Curriculares / Domínios / Conteúdos	6
Sessão do dia 9 de Janeiro	7
<u>Recursos</u>	7
<u>Estratégias/Actividades</u>	7
Sessão do dia 10 de Janeiro	9
<u>Recursos</u>	9
<u>Estratégias/Actividades</u>	9
Sessão do dia 11 de Janeiro	11
<u>Recursos</u>	11
<u>Estratégias/Actividades</u>	11
Avaliação	12
Bibliografia / Webgrafia	13
Anexos/Registos	14

Mapa de Intervenção Semanal

	Dia 9 de Janeiro			Dia 10 de Janeiro			Dia 11 de Janeiro		
	09h00min - 10h30min	11h00min - 12h00min	13h30min - 15h30min	09h00min - 10h30min	11h00min - 12h00min	13h30min - 15h30min	09h00min - 10h30min	11h00min - 12h00min	13h30min - 15h30min
Andreia Sousa	Auxílio	Auxílio	Auxílio				Auxílio	Auxílio	Auxílio
Catarina Oliveira	Auxílio	Auxílio	Auxílio	Auxílio	Auxílio	Auxílio			
Daniela B. Dias				Auxílio	Auxílio	Auxílio	Auxílio	Auxílio	Auxílio

Prática Educativa II – Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º C.E.B. / Intervenção de dia

9 a dia 11 de Janeiro de 2011

Nota 1: A planificação das aulas de segunda, terça e quarta-feira, assim como a elaboração de materiais e a implementação das mesmas, são da responsabilidade das professoras estagiárias, com a supervisão e orientação da professora cooperante.

Nota 2: Durante os dias de estágio, poderão existir momentos em que as áreas de Expressões, Estudo Acompanhado e Formação Cívica aparecerão interligadas com as áreas curriculares lecionadas.

Planificação das Sessões

Objectivos/Competências

Língua Portuguesa

O aluno deve ser capaz de:

- Prestar atenção ao que ouve, de modo a apropriar-se de padrões de entoação e ritmo;
- Apropriar-se de novos vocábulos;
- Associar palavras ao seu significado;
- Articular correctamente palavras;
- Ler, respeitando a direcionalidade da linguagem escrita;
- Reconhecer que a mesma letra pode ter diferentes representações gráficas;
- Perceber que a escrita é uma representação da língua oral;
- Respeitar a direcionalidade da escrita;
- Usar adequadamente os instrumentos de escrita;
- Utilizar a linha de base como suporte de escrita;
- Realizar divisões silábicas correctamente.

Matemática

O aluno deve ser capaz de:

- Representar e quantificar os números de 0 a 10;
- Realizar contagens progressivas e regressivas, representando os números envolvidos;
- Utilizar a simbologia $<$, $>$ e $=$.
- Compreender a adição, no sentido de acrescentar;
- Compreender a diferença, no sentido de retirar;
- Ler, explorar e interpretar informação (apresentada em imagens e pictogramas);
- Organizar e classificar dados: diagramas (Venn e Carroll), tabelas;
- Compor e decompor números.

Área Curricular: **Língua Portuguesa.**

Domínios

Comunicação do Oral;
Expressão Oral;
Leitura;
Escrita;
Conhecimento Explícito da Língua.

Conteúdos

Entoação e ritmo;
Texto oral e texto escrito;
Vocabulário;
Vogais (i, u, o, a, e);
Consoantes (p, t, l, d, m, v, n, r)
Leitura de palavras: via directa e indirecta;
Maiúsculas e minúscula;
Manuscrito e de Imprensa;
Descrição de imagens;
Direccionalidade da escrita;
Fronteira de palavra.

Área Curricular: **Matemática.**

Domínios

Organização e Tratamento de Dados;
Números e Operações.

Conteúdos

Representação e interpretação de dados;
Números naturais.

Sessão do dia 9 de Janeiro

Recursos

Materiais:

- Alfa Calendário;
- Quadro de ardósia;
- Giz;
- Trava-línguas;
- Cartaz referente à letra “R”, previamente elaborado pelas professoras estagiárias;
- Manual de Língua Portuguesa;
- Material pertencente à colecção do professor;
- Caderno Caligráfico e Ortográfico;
- Quadro Silábico;
- Folha pautada;
- Manual de Matemática.

Estratégias / Actividades

- Saudação com a canção do “Bom Dia”;
- Actualização do Alfa Calendário;
- Alteração da data no quadro de ardósia;
- Revisão oral das letras (i, u, o, a, e, p, t, l, d, m, v, n) e dos ditongos (iu, ui, oi, ou, ai, au, ão, ei, eu) já adquiridos, bem como da ligação das consoantes às vogais (pa, pe, pi, to, tu, la, li, de, do, me, mi, vi, vo, vu, no, nu, etc), procedendo à leitura colectiva e individual dos mesmos;
- Introdução da letra “r”, com recurso a um cartaz, previamente elaborado pelas professoras estagiárias. O cartaz vai ser construído pela turma, partindo de algumas lengalengas. Depois de apresentados as lengalengas com que iremos trabalhar, é pedido às crianças que identifiquem as palavras que contêm os diferentes sons do “r”. Posteriormente a professora escreve as palavras à volta da letra. Para consolidar a letra dada, recorre-se ao manual e a material pertencente à colecção do

professor, nomeadamente o CD referente à história desta letra e o cartão da mesma letra **(Anexo I)**;

- Treino do grafismo da letra “r”, recorrendo ao Caderno Caligráfico e Ortográfico (pág. 14) **(Anexo II)**;

- Ligação da letra “r” às vogais e aos ditongos já adquiridos, recorrendo ao quadro silábico, pertencente à colecção do professor;

- Realização de fichas de trabalho presentes no manual de Língua Portuguesa (págs. 70 e 71) **(Anexo III)**;

- Realização de um exercício de construção de frases, em que nós, professoras estagiárias, fornecemos uma palavra onde esteja contida a letra “r” (essa palavra pode ser uma das que foram sugeridas, pelas crianças, no exercício de construção do cartaz da letra “r”) e as crianças formulam frases. Depois, em conjunto, decide-se qual é a frase que se vai escrever e uma delas vai ao quadro escrever a frase delineada. Todas as crianças escrevem as frases estabelecidas numa folha pautada, previamente fornecida pelas professoras estagiárias;

- Revisão oral dos números (0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9) e dos sinais (+, -, <, >, =) já adquiridos. Contagem crescente e decrescente desses números, oralmente;

- Realização de fichas de trabalho, presentes no manual de Matemática (págs. 91, 92 e 93) **(Anexo IV)**;

- Despedida com a canção do “Adeus”.

Sessão do dia 10 de Janeiro

Recursos

Materiais:

- Alfa Calendário;
- Quadro de ardósia;
- Giz;
- Cartaz referente à dezena, número 10 e respectivos acessórios;
- Manual de Matemática;
- Materiais didácticos;
- Trava-línguas;
- Cartazes referentes aos sons “r” e “rr”;
- Manual de Língua Portuguesa.

Estratégias / Actividades

- Saudação com a canção do “Bom Dia”;
- Actualização do Alfa Calendário;
- Alteração da data no quadro de ardósia;
- Introdução do número 10, a dezena, recorrendo a um exercício prático. Neste exercício, as crianças terão de completar um cartaz, elaborado anteriormente pelas professoras estagiárias. Esse cartaz apenas possui um “saco” e são fornecidas, às crianças, dez bolas de esferovite, as quais se assemelham a berlindes. As crianças vão colocar, dentro do “saco”, os “berlindes”, um a um, para, deste modo, conseguirem perceber que os dez “berlindes” equivalem a uma dezena. Posteriormente, o cartaz ficará afixado na sala de aula, para consultarem sempre que necessário. Esta actividade vem na continuidade dos cartazes das “flores” (decomposição dos números), mas adaptada de forma a explicitar o conceito de dezena;
- Realização de fichas de trabalho, presentes no Manual de Matemática, como forma de consolidação do conceito adquirido (págs. 94 e 95) **(Anexo V)**;
- Realização de uma actividade prática que consiste em, tal como no dia anterior, elaborar dois cartazes referentes aos sons “r” (no meio de duas vogais) e “rr”. Esta actividade é realizada pois, independentemente de ser a mesma letra, esta

adquire sons diferentes, consoante a sua posição na palavra. Por exemplo, ao ser dada a letra “r” (no dia anterior), o cartaz que foi elaborado dizia respeito a palavras em que o som “r” se encontrava no início da palavra, como, por exemplo, na palavra *rádio*. Desta vez, as palavras que vão ser pedidas dizem respeito àquelas em que a letra “r” se encontra no meio de duas vogais, como, por exemplo, na palavra *bailarina*. Posteriormente, vão ser pedidas palavras que contenham “rr”, como, por exemplo, a palavra *burro*. Continuaremos a partir das lengalengas utilizadas no dia anterior;

- Realização de fichas de trabalho, presentes no manual de Língua Portuguesa (págs. 72 e 73), referentes a dois dos casos de leitura da letra “r” (**Anexo VI**);

- Despedida com a canção do “Adeus”.

Sessão do dia 11 de Janeiro

Recursos

Materiais:

- Alfa Calendário;
- Quadro de ardósia;
- Giz;
- Manual de Matemática;
- Manual de Língua Portuguesa.

Estratégias / Actividades

- Saudação com a canção do “Bom Dia”;
- Actualização do Alfa Calendário;
- Alteração da data no quadro de ardósia;
- Realização de fichas de trabalho, como forma de consolidar a dezena, presentes no manual de Matemática (págs. 96, 97, 98 e 99) **(Anexo VII)**;
- Realização de fichas de trabalho, presentes no manual de Língua Portuguesa (págs. 74 e 75), referentes aos casos de leitura da letra “r” **(Anexo VIII)**;
- Despedida com a canção do “Adeus”.

Avaliação

A avaliação é feita através dos itens indicados no quadro abaixo, no entanto, é de evidenciar que a **participação e intervenção**, a **comunicação**, a **atitude e empenho** e o **interesse** são itens de avaliação transversais a todas as áreas curriculares.

Áreas	Itens	NS	S	SB	SMB
Língua Portuguesa	Prestar atenção ao que ouve.				
	Apropriar-se de novos vocábulos.				
	Associar palavras ao seu significado.				
	Articular correctamente palavras.				
	Ler, respeitando a direcionalidade da linguagem escrita.				
	Reconhecer que a mesma letra pode ter diferentes representações gráficas.				
	Perceber que a escrita é uma representação da língua oral.				
	Respeitar a direcionalidade da escrita.				
	Usar adequadamente os instrumentos de escrita.				
	Utilizar a linha de base como suporte de escrita.				
	Realizar divisões silábicas correctamente.				
Matemática	Representar e quantificar os números de 0 a 10.				
	Realizar contagens progressivas e regressivas, representando os números envolvidos.				
	Utilizar a simbologia <, > e =.				
	Compreender a adição, no sentido de acrescentar.				
	Compreender a diferença, no sentido de retirar.				
	Compor e decompor números.				

Legenda:

NS – Não Satisfaz **S** – Satisfaz **SB** – Satisfaz Bem **SMB**- Satisfaz Muito Bem

Bibliografia

- ME-DEB (2001). Currículo Nacional do Ensino Básico — Competências Essenciais. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica.

- Ministério da Educação (2004). Organização Curricular e Programas Ensino Básico — 1.º Ciclo. 4.ª Edição. Lisboa: Departamento da Educação Básica.

- Ministério da Educação (2009). Programas de Português do Ensino Básico. Lisboa: Departamento da Educação Básica.

- Ministério da Educação (2008). Programa de Matemática do Ensino Básico. Lisboa: Departamento da Educação Básica.

- Lima, E. et al. (2011). Alfa — Língua Portuguesa 1 — 1.º Ano. 1.ª Edição. Porto: Porto Editora.

- Lima, E. et al. (2011). Alfa - Matemática 1 — 1.º Ano. 1.ª Edição. Porto: Porto Editora.

- Lima, E. et al. (2011). Alfa — Estudo do Meio 1 — 1.º Ano. 1.ª Edição. Porto: Porto Editora.

Anexos

Anexo I





Letra r/R








Tracing practice for lowercase 'r' on three rows of handwriting lines. The first row contains 15 cursive 'r's. The second row contains 5 cursive 'r's followed by 10 arrows indicating the stroke direction. The third row contains 3 cursive 'r's followed by 12 arrows.








Tracing practice for uppercase 'R' on three rows of handwriting lines. The first row contains 10 cursive 'R's followed by 4 empty boxes. The second row contains 4 cursive 'R's followed by 4 arrows. The third row contains 2 cursive 'R's followed by 4 arrows.

14

r R

r R

O rato roeu a correia do relógio do Romeu e a rolha da garrafa; o rato também roeu. Quando o Romeu viu o rato, de terror quase morreu.

Ilustração: Carlos Castanheira

• Ouve a leitura do texto.

• Marque palavras para marcar as sílabas do Romeu e de relógio.

• Repete o texto dividindo em frases: quando o rato viu o rato, de terror quase morreu. Marque as sílabas e as palavras.

• Que foi o rato? A correia do relógio do Romeu? Que objeto roeu o rato?

• O que tem o Romeu quando viu o rato? E ele, ele temia o rato? Com qual?

• Quais as palavras do texto que rimam com Romeu? Descreva outras palavras que rimem com Romeu.

Numera as imagens de acordo com a sequência do texto.



1



2



3

Pense em objetos ou animais em cujos nomes ojas o som r. Desenha-os e pinta-os.

70 **Atividade**

Data: _____



4 Pinta as imagens que têm o som r nos seus nomes.



5 Ouve a leitura da frase. Destaca os autocolantes do relógio e do Romeu do final do livro e cola-os no local correto. Observa as palavras, as sílabas e a letra r, R.

O rato roeu a correia do relógio do Romeu.



relógio

re-ló-gio

re

r



Romeu

Re-méu

Re

R

6 Cobre as linhas da letra r, R. Pinta o interior da letra r, R a teu gosto.



7 Cobre e continua.

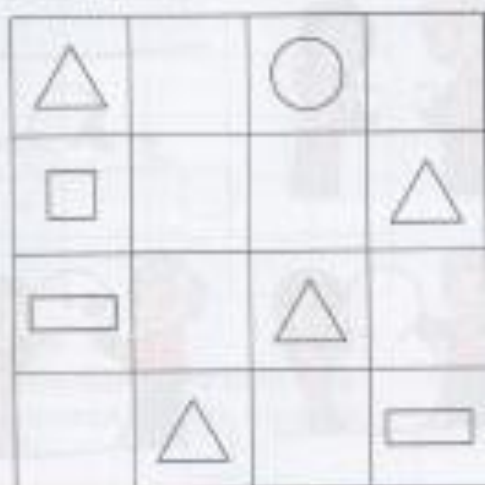


Data: - -

Atividade 2 - 2021/22

Alfamatic

-  Completa o quadro sem repetir as figuras geométricas em cada linha e em cada coluna.
 Pinta as peças iguais com as mesmas cores.



1
2
3



-  Completa cada quadro com os respectivos números sem os repetires em cada linha e em cada coluna.

1 2 3 4

1		4	
2			1
3		1	
4	1		3

6 7 8 9

6	8		7
7			6
8		6	
9	6		8

Data: _____

matemática 2. ano 99



Já sei!



- Observe as imagens e numere-as de 1 a 9, da modo a obteres a sequência de uma história. Conta a história aos teus colegas.



- Completa a sequência numérica.

0									
---	--	--	--	--	--	--	--	--	--

- Completa de acordo com a indicação das setas.

-1	$+1$	-1	$+1$	-1	$+1$	-1	$+1$
	4		1		6		8

Escreve o nome e a data.

Data: ____/____/____



Já sei!



Completa as tábuas da **adição** e da **subtração**.

+	1	2	3	4
1				
2				
3				
4				
5				

-	1	2	3	4
1				
2				
3				
4				
5				

Descobre quantos triângulos estão representados na figura. Completa.



_____ triângulos

Descobre quantos quadrados estão representados na figura. Completa.



_____ quadrados

Autoavaliação



Final



Sei bem!



Não sei bem!



Ainda não sei!

Anexo V

NÚMEROS E OPERAÇÕES | Números naturais | Operações com números naturais
Representação do número 10

🔍 Ouve a leitura do texto.



Eram **dez** meninas
todas a dançar
com **dez** borboletas
de voo no ar.
Eram **dez** meninas,
pareciam voar.

Letícia Costa, Ilustrações: André Medeiros

🔍 Observa as representações do **dez**.

10 dez





🔍 Cobre as linhas a traçado de acordo com a indicação das setas.

10

dez

🔍 Cobre e continua.

10	10	10	10	10	10
10	10	10	10	10	10

dez dez dez

98 meninas e quatro

Data: . . .



- Conte as meninas e as borboletas e faz conjuntos de 10 elementos para cada caso.



- Escreve os números nas etiquetas. Completa.



$$9 + \square = 10$$

$$10 - \square = 9$$

$$1 + \square = 10$$

$$10 - \square = 1$$

- Pinta as pedras que faltam em cada colar para formares conjuntos de 10.



Vou calcular!

- Completa:

$$7 + \square = 10$$

$$8 + \square = 10$$

$$6 + \square = 10$$

$$3 + \square = 10$$

$$2 + \square = 10$$

$$4 + \square = 10$$

$$10 - \square = 7$$

$$10 - \square = 8$$

$$10 - \square = 6$$

$$10 - \square = 3$$

$$10 - \square = 2$$

$$10 - \square = 4$$

Data: ____ - ____ - ____

Ouve a leitura das palavras. Pinta as sílabas em que ouves o som r.


 rádio
 rá-di-o


 barraca
 ba-rra-ca


 romã
 ro-mã


 rua
 ru-a


 garrafa
 ga-r-ra-fa

Assinala com r, nas palavras, as letras que vêm antes e depois de r, como no exemplo.


 ferro
 fe-rr-o


 barril
 ba-rr-il


 terra
 te-rr-a


 burro
 bu-rr-o

O que descobriste?
Entre vogais, o som r
escreve-se rr.

Procura os nomes das imagens no quadro de palavras e copia-as. Lê as frases.

carro
roda
Romeu

terra
rio
autocarro

A  do  caiu ao .

O  leva  mo  de mão.



Alfodora

Conserva, com os seus amigos, uma lista de nomes, com o código de mensagens, telefones e endereços, para serem lidos no final da semana.

73 salomita, a doia

Data: _____



1. Lê e copia o texto.

O Romeu vai ao rio e leva o remo.
A Rita vai ao lado dele e leva uma rede na mão.
O Romeu e a Rita irão nadar?



2. Responde à pergunta do texto, fazendo um desenho neste espaço que indique o que eles poderão ir fazer.



3. Compara o teu desenho com os dos teus colegas. Há respostas diferentes? Porque será?

4. Memoriza o trava-linguas. Completa e pinta a imagem a teu gosto.

O rato roeu a rolha
da garrafa de rum
do rei da Rússia.

Finale



Atividade

Recorta no trava-linguas: "O rato roeu a rolha do rei da Rússia". Tenta dizer a estrofe a cantar, a ritmo da música dos gigantes.

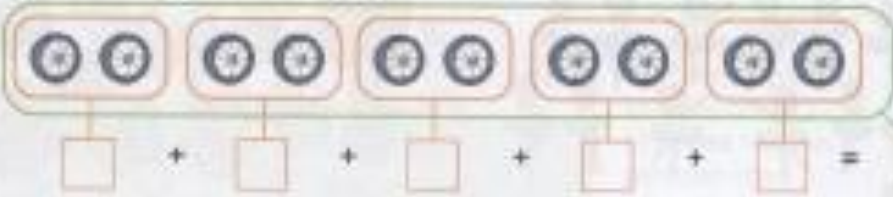
Data: - -

Salamanca a 24 de 73

Anexo VII

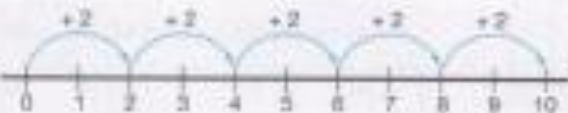
NÚMEROS E OPERAÇÕES | Relações entre as operações com números naturais
Conservação e decomposição do número 10

🔍 Cinco colegas da turma dos amigos do Alfa foram para o parque andar de bicicleta. O Alfa registrou o número de rodas das bicicletas. Observe e complete.



$\square + \square + \square + \square + \square = \square$

🔍 Conte o número de rodas com a ajuda da reta numérica.



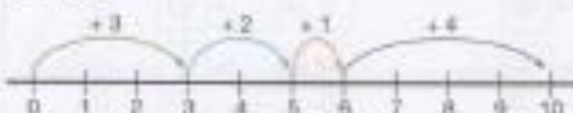
R.: São _____ rodas.

🔍 Observe o quadro que indica quantas voltas cada menino deu em redor do lago. Trace-as usando as cores indicadas.

Nome	N.º de voltas
Nicolau	3
Joana	2
Urbi	1
Tiago	4



🔍 Verifica o número total de voltas que os meninos deram em redor do lago, consultando a reta numérica. Completa.



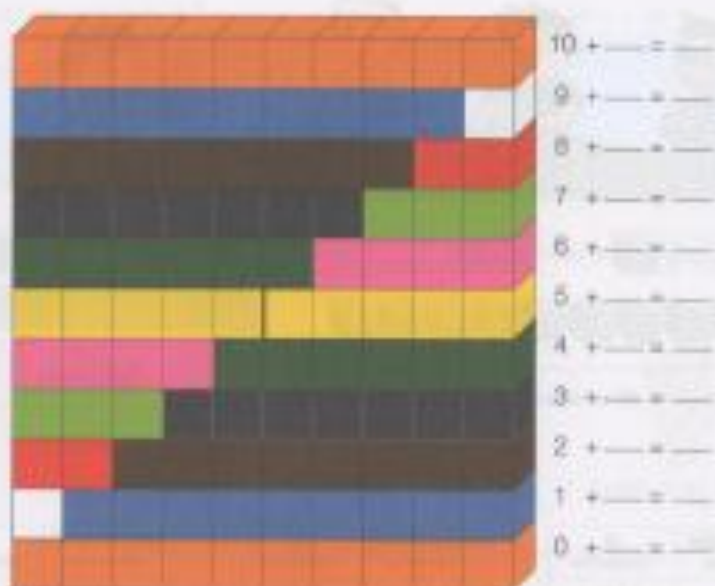
R.: Os meninos deram _____ voltas.

📌 momento: a: Alfa Data: _____



Observe as barras coloridas e complete as igualdades.

Constrói este tapete com as tuas barras do *Alfa Jogo*.



Repara que a partir do amarelo as cores são as mesmas, apenas em posições diferentes.

+ → +

+ → +

+ → +

+ → +

Conversa com os teus colegas sobre o que descobriste. Completa.

8 + 1 é o mesmo que 1 + 8

10 + 0 é o mesmo que ____

8 + 2 é o mesmo que ____

6 + 4 é o mesmo que ____

7 + 3 é o mesmo que ____

5 + 5 é o mesmo que ____

Data: ____ - ____ - ____

matemática 97

Os três amigos estão a fazer o Jogo do Banqueiro, usando cubos, barras e um dado. Observe a figura e converse sobre o que vê.



Cada  é uma unidade.

Cada barrinha de 10  é



10 unidades



1 dezena

Observe os registros.

Dezenas	Unidades
	

1.º O Tiago tinha 9 cubos, lançou o dado e obteve mais 1. Ficou com 10 cubos.

Dezenas	Unidades
	

2.º O Tiago trocou os dez cubos por uma barra.

Dezenas	Unidades
1	0

3.º O Tiago ficou com 1 dezena e 0 unidades.

1.º Havia 9 .



2.º Entrou mais  e ficou $9 + 1 = 10$.



3.º 10  foram trocadas por 1 .





Completa.

1 peça representa 1 _____

10 = _____ unidades

1 peça representa 1 _____

10 = 1 = _____ dezena

Logo, 10 unidades = 1 dezena.

Observe e completa.

1.º Estão 9 dedos acordados.



2.º O dedo do meio acordou e ficaram 10 dedos acordados.



3.º Temos 10 dedos nas mãos.



Temos _____ dezena de dedos nas duas mãos juntas.

Completa as frases e as igualdades.

A Maria pôs 9 rosas numa jarra. Depois, foi buscar mais uma rosa ao jardim para pôr na jarra também.



$$9 + \boxed{} = 10$$

$$10 - \boxed{} = 9$$

$$1 + \boxed{} = 10$$

$$10 - \boxed{} = 1$$

10 rosas representam 10 _____

10 unidades = 1 _____

Data: _____

movendo a mão 99

👂 Ouve a leitura do poema. Gostaste?

🖍 Ilustra-o a teu gosto.

Andorinha

Era uma andorinha branca
Que me batia à janela
E contente anunciava
Que chegara a primavera,
Ou era eu que sonhava?

Exemplo de Andorinha, Raposo, 1997, p. 100.



👂 Ouve a leitura das palavras. Pinta de verde as sílabas em que ouves o som r como em andorinha e de vermelho em que ouves o som r como em garrafa.



balarina

ballarina



serra

serra



goma

goma



cadeira

cadeira



maracujá

maracujá

👂 Ouve a leitura das seguintes palavras e assinala com • as letras que estão antes e depois do r.



abóbora



andorinha



arara



gorila



O que descobriste?
A letra r entre vogais
põe a força.



caravela



🔊 Ouve a leitura das palavras e bate palmas para marcar as sílabas.

🔍 Rodeia os grupos **ar**, **er**, **ir**, **or** e **ur** com as respectivas cores e completa as palavras.

arco



co

erva



va

circo



c co

horta



h ta

urso



so

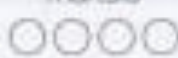
🔍 Lê as palavras e rodeia o número de círculos correspondentes às sílabas de cada palavra. Assinala com * o número de sons em cada sílaba. Observa o exemplo.



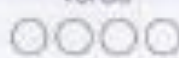
porta



martelo



verda



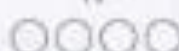
irmãos



uma



rir



🔍 Completa de acordo com as imagens.



A lagarta come _____



O Artur e o Bernardo jogam ao _____



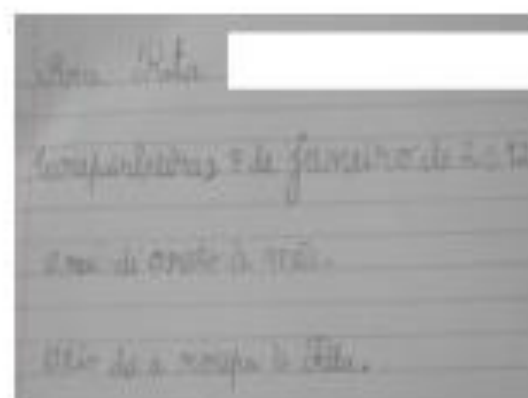
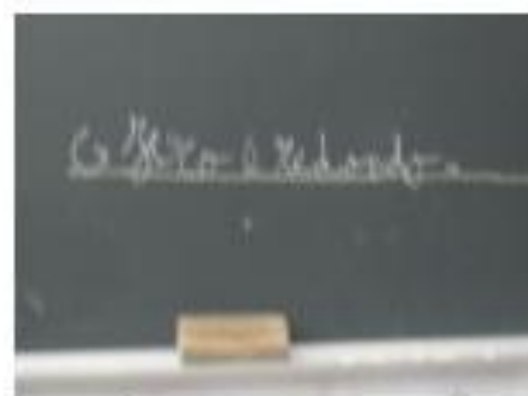
Atividade

Agende de leitura: a leitura entre colegas promove o seu desenvolvimento e, além disso, ajuda a melhorar a compreensão do texto. Para isso, é importante ler com atenção, procurando entender o sentido das palavras e do texto.

Data: _____

Atividade 2 - circo 75

Registos



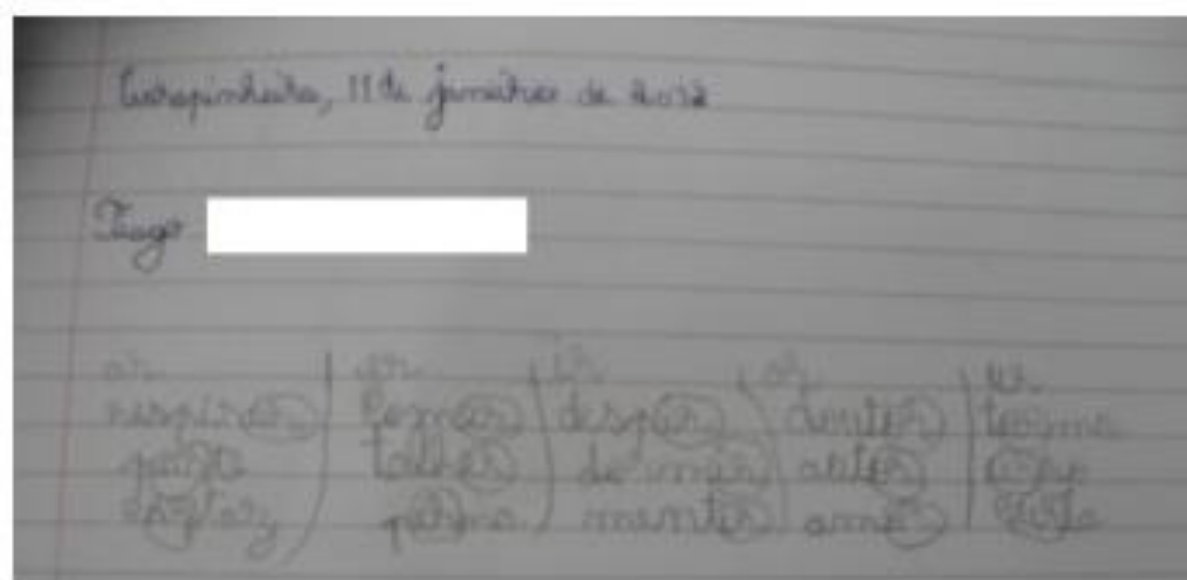
Exercício de construção de frases.



Cartaz referente à introdução da letra "R".



Cartaz referente ao número 10 (dezena).



Casos de leitura da letra "R" (ar, er, ir, or, ur).

ANEXO V

DISTRIBUIÇÃO DE CARGA HORÁRIA DO 1º ANO / TURMA 2



PROF. D. S.

Horas	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
9h – 10h30	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Matemática
10h30-11h	Língua Portuguesa	Formação Cívica	Língua Portuguesa	Formação Cívica	Expressão Musical
11h – 12h	Matemática	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Língua Portuguesa	Língua Portuguesa
12h-13h30					
13h30-15h00	Estudo do Meio	Língua Portuguesa	Matemática	E.Meio	Área projeto
15h00 – 15h30	Expressão Dramática	Língua Portuguesa	Est. Acompanhado	Exp. Físico-Motora	Expressão Plástica
15h30 – 15h45					
15h45 – 16h30	A. Estudo	Act. Fis. Desp.	Música	A. Estudo	Inglês
16h45 – 17h30	Animação	Animação	Inglês	Act. Fis. Desp.	Música

A Professora